

Título original  
CHAGRIN D'ÉCOLE

Copyright © Éditions Gallimard, 2007

Direitos para a língua portuguesa reservados  
com exclusividade para o Brasil à  
EDITORA ROCCO LTDA.

Avenida Presidente Wilson, 231 – 8º andar  
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001  
rocco@rocco.com.br  
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais  
CARLOS NOUGUÉ

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

P461d Pennac, Daniel, 1944-  
Diário de escola / Daniel Pennac; tradução de Leny  
Werneck. – Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

Tradução de: Chagrin d'école.  
ISBN 978-85-325-2372-3

1. Pennac, Daniel, 1944-. 2. Escritores franceses –  
Biografia. 3. Educação – França. I. Werneck, Leny.  
II. Título.

08-2863

CDD-848

CDU-821.133.1-94

*À Minne, e quanto!*

*A Fanchon Delfosse, Pierre Arènes, José Rivaux,  
Philippe Bonneu, Ali Mehidi, Françoise  
Dousset e Nicole Harlé, salvadores de alunos,  
como foi o caso.*

*E à memória de Jean Rolin, que nunca se  
desesperou com o mau aluno que eu fui.*

## Sumário

- I. O lixão de Djibuti / 9
- II. Vir a ser / 37
- III. Lá ou o presente de encarnação / 89
- IV. Você faz isso de propósito / 149
- V. Maximilien ou o culpado ideal / 169
- VI. O que amar quer dizer / 201
- Agradecimentos / 237
- Sobre escolas / 239

I

## O LIXÃO DE DJIBUTI

*Estatisticamente tudo se explica,  
pessoalmente tudo se complica.*

Comecemos pelo epílogo: mamãe, quase centenária, olhando um filme sobre um autor que ela conhece bem. Pode-se ver o autor em sua casa, cercado de seus livros, na biblioteca que é também o seu escritório. A janela está aberta para um pátio de escola. Algazarra de recreio. Fica-se sabendo que durante 25 anos o autor exerceu o ofício de professor e que, se ele escolheu esse apartamento dando para dois pátios de recreio, foi à maneira de um ferroviário que fosse se aposentar em cima de uma estação de triagem. Em seguida, vê-se o autor na Espanha, na Itália, conversando com seus tradutores, fazendo brincadeiras com amigos venezianos e sobre o platô de Vercors, caminhando solitário, na bruma das altitudes, falando de ofício, língua, estilo, estrutura romanesca, personagens... Novo escritório, dessa vez aberto para o esplendor alpino. Estas cenas são pontuadas por entrevistas de artistas que o autor admira, e que falam, eles mesmos, de seus trabalhos: o cineasta e romancista Dai Sijie, o desenhista Sempé, o cantor Thomas Fersen, o pintor Jürg Kreienbühl.

De volta a Paris: agora, o autor está diante de seu computador e no meio dos dicionários, pelos quais tem paixão, diz. Aliás, fica-se sabendo, e esta é a conclusão do filme, que ele entrou no dicionário Robert, na letra P, sob o sobrenome de Pennac, tirado de seu sobrenome inteiro Pennacchioni, nome Daniel.

Mamãe, então, olha esse filme na companhia de meu irmão Bernard, que o gravou para ela. Ela olha do começo ao fim, imóvel na sua poltrona, o olhar fixo, sem dizer uma palavra, enquanto a noite cai.

Fim do filme.

Créditos.

Silêncio.

Depois, virando-se lentamente para Bernard, ela pergunta:

– Você acha que um dia ele vai dar certo?

2

É que fui um mau aluno, e ela nunca conseguiu se recuperar. Hoje, que sua consciência de senhora muito velha deixa as praias do presente para refluir docemente para os distantes arquipélagos da memória, os primeiros recifes a ressurgir a fazem lembrar aquela inquietação que a consumiu durante toda a minha escolaridade.

Ela me lança um olhar preocupado e, lentamente:

– O que é que você faz na vida?

Desde cedo, o meu futuro lhe pareceu tão comprometido que ela nunca se sentiu totalmente segura do meu presente. Sem destino futuro, eu não lhe parecia preparado para durar. Eu era seu filho precário. Entretanto, ela sabia que eu tinha dado certo desde aquele mês de setembro de 1969, quando entrei na minha primeira sala de aula na qualidade de professor. Mas, durante as décadas que se seguiram (quer dizer, durante toda minha vida adulta), sua preocupação resistiu secretamente a todas as “provas de sucesso” que lhe traziam meus telefonemas, minhas cartas, minhas visitas, os lançamentos de meus livros, os artigos de jornais ou minhas passagens nos programas de televisão de Pivot. Nem a estabilidade de minha vida profissional, nem o reconhecimento de meu trabalho literário, nada de tudo o que ela escutava sobre mim, contado pelos outros ou que ela pudesse ler na imprensa, nada disso a tranquilizava realmente. É claro que ela ficava contente com meus sucessos, falava deles com amigos, comentava que meu pai, morto antes de os conhecer, teria ficado feliz, mas no fundo do seu coração restava a ansiedade causada pelo mau aluno do começo. Assim se exprimia seu amor de mãe; quando eu a provocava sobre as delícias das preocupações maternas, ela respondia lindamente, fazendo graça à moda de Woody Allen:

– O que é que você quer? Nem todas as judias são mães, mas todas as mães são judias.

E hoje, quando minha velha mãe judia não vive muito mais no presente, é de novo esta preocupação que exprimem seus olhos quando pousam sobre o seu caçula de sessenta anos. Uma preocupação que teria perdido sua intensidade, uma ansiedade fóssil, que nada mais é que um hábito em si mesma, mas que permanece suficientemente viva para que mamãe me pergunte, a mão em cima da minha, no momento em que vou embora:

– Você tem um apartamento em Paris?

Então, eu era um mau aluno. A cada final de tarde de minha infância, eu voltava para casa perseguido pela escola. Meus boletins contavam a reprovação dos meus mestres. Quando não era o último da turma, eu era o penúltimo. (Champanhe!) Fechado primeiro para a aritmética e logo em seguida para a matemática, profundamente disortográfico, resistente à memorização de datas e à localização dos lugares geográficos, inapto para a aprendizagem de línguas estrangeiras, com reputação de preguiçoso (lições não aprendidas, trabalho não feito), eu levava para casa resultados lamentáveis que não eram compensados com a música nem com o esporte. Aliás, com nenhuma atividade paraescolar.

– Você entende? Será que ao menos você *entende* o que eu estou explicando?

Eu não entendia. Esta inaptidão para entender remontava a tão longe, na minha infância, que a família tinha imaginado uma lenda para datar as origens: meu aprendizado do alfabeto. Sempre ouvi dizer que fora preciso um ano inteiro para eu reter a letra *a*. A letra *a*, em um ano. O deserto de minha ignorância começava a partir do intransponível *b*.

– Nada de pânico, dentro de vinte e seis anos ele vai dominar perfeitamente o seu alfabeto.

Assim ironizava meu pai, para distrair seus próprios temores. Alguns anos depois, como eu repetia a terceira série do segundo grau, perseguindo o diploma que me escapava obstinadamente e de que eu precisava para entrar na faculdade, ele veio com esta fórmula:

– Não se preocupe, mesmo para os exames finais, acaba-se adquirindo automatismos...

Ou, em setembro de 1968, eu com minha licenciatura em letras já no bolso:

– Se você precisou de uma revolução para a licenciatura, será que vamos esperar uma guerra mundial para a agregação?\*

Mas voltemos aos meus começos. Último de quatro irmãos, fui um caso particular. Meus pais não tinham tido a oportunidade de treinar com meus irmãos, cuja escolaridade, mesmo que não fosse particularmente brilhante, tinha se desenvolvido sem problemas.

Fui um objeto de estupor, e de estupor constante, porque os anos passavam sem trazer a menor melhoria ao meu estado de idiotismo escolar. “Não é possível!” ou “Não acredito!” são para mim exclamações familiares, associadas a olhares de adulto onde eu via muito bem que minha incapacidade de assimilar o que quer que fosse cavava um abismo de incredulidade.

Todo o mundo compreendia mais rápido do que eu.

– Você é completamente tapado!

Numa tarde do terceiro ano do liceu, ano de terminal (um dos anos de terminal), meu pai me dava uma aula de trigonometria na sala que nos servia de biblioteca, quando nosso cachorro se deitou na cama, sorrateiro, atrás de nós. Apanhado, foi secamente mandado embora:

– Para fora, cachorro, vá para a sua poltrona!

Cinco minutos depois, o cachorro já estava de novo em cima da cama. Ele apenas tinha tido o cuidado de ir buscar a velha coberta que protegia a poltrona e se deitou nela. Admiração geral, claro, e justificada: que um animal tenha podido associar uma proibição à idéia abstrata de limpeza e tirar a conclusão de que precisava fazer a sua cama para usufruir a companhia dos donos, bravo, foi evidentemente um autêntico *raciocínio*! Isso foi um assunto de conversa na família que atravessou os anos. Pessoalmente, tirei o ensinamento de que até mesmo o cachorro da casa entendia mais depressa do que eu. Acho até que cochichei em seu ouvido:

– Amanhã é você que vai pra escola, seu vagabundo!

\* Concurso de ingresso no ensino superior. (N. da T.)

Dois senhores de certa idade passeiam pela margem do Loup, rio da infância deles. Dois irmãos. Meu irmão Bernard e eu. Meio século atrás, eles mergulhavam naquela transparência. Nada-vam entre os peixes, que não se assustavam com as braçadas. A familiaridade dos peixes fazia pensar que aquela felicidade duraria sempre. O rio corria entre as falésias. Quando os dois irmãos o seguiam até o mar, às vezes levados pela correnteza, outras saltando sobre pedras, acontecia de se perderem de vista. Para se encontrarem, tinham aprendido a assobiar entre os dois dedos. Eram longos assobios que repercutiam contra as paredes rochosas.

Hoje, a água baixou, os peixes sumiram, uma espuma turva e estagnada conta a vitória do detergente sobre a natureza. Restam de nossa infância o canto das cigarras e o calor resinoso do sol. Mais ainda, nós sabemos sempre assobiar entre os dedos, nunca nos perdemos de ouvido.

Anuncio a Bernard que estou pensando em escrever um livro relativo à escola. Não sobre a escola que muda, como mudou o nosso rio, mas, no coração dessa desordem incessante, sobre aquilo que não muda, justamente, sobre uma permanência de que nunca se escuta falar: *a dor partilhada do mau aluno, o lerdo, dos pais e dos professores*, a interação desses desgostos de escola.

– Vasto programa... E como é que você vai tratá-lo?

– Questionando você, por exemplo. Que lembranças guarda da minha própria nulidade, vamos dizer... em matemática?

Meu irmão Bernard era o único membro da família capaz de me ajudar no trabalho de casa sem que eu me fechasse como uma ostra. Nós partilhamos o mesmo quarto até minha entrada na sexta série, quando fui posto no internato.

– Em matemática? A coisa começou com a aritmética, você sabe! Um dia eu perguntei o que fazer de uma fração que estava bem na sua frente. Você me respondeu automaticamente: “É preciso reduzir ao denominador comum.” Mas só havia uma fração, então um só denominador, mas você continuava: “Tem de reduzir ao denominador comum!” Como eu insistia: “Pense um pouco, Daniel, aqui há *uma só* fração, então *é um só* denominador”, você soltou, de mau humor: “Foi o professor que disse, é preciso reduzir as frações ao denominador comum!”

E os dois senhores riam, ao longo do passeio. Tudo isso ficou bem longe, para trás. Um deles foi professor durante vinte e cinco anos: dois mil e quinhentos alunos, mais ou menos, entre os quais certo número em “grande dificuldade”, de acordo com a expressão consagrada. E os dois chefes de família. “O professor disse que...”, eles conhecem. A esperança colocada pelo lerdo nessa ladainha, é isso... As palavras do professor não são mais que pedaços de madeira flutuantes a que o mau aluno se agarra num rio em que a corrente o vai levando até as grandes quedas. Ele repete o que o professor disse. Não para que aquilo faça sentido, nem para que a regra se encarne, não, é para saltar fora, momentaneamente, para um “deixe-me”. Ou para um “goste de mim”. A qualquer preço.

– Mais um livro sobre a escola, então? Você não acha que já há bastantes?

– Não sobre a escola! Todo o mundo se ocupa da escola, eterna disputa de antigos e modernos: programas, papel social, finalidades, a escola de ontem, a de amanhã... Não, um livro sobre o lerdo! Sobre a dor de não entender, e suas seqüelas colaterais.

– ...

– Você sofreu tanto assim?

– ...

– ...

– Você pode me dizer outra coisa sobre o lerdo que eu fui?

– Você se queixava de não ter memória. As lições que eu te ensinava no fim da tarde se evaporavam durante a noite. Na manhã seguinte, você tinha esquecido tudo.

É fato. Eu não copiava, como diz a gente moça de hoje. Eu não captava nem copiava. As palavras mais simples perdiam sua substância no momento em que me pediam que as olhasse como objeto de conhecimento. Se eu tivesse de aprender uma lição sobre o maciço do Jura, por exemplo (mais que um exemplo, no caso é uma lembrança muito precisa), esta palavrinha de duas sílabas se decompunha rapidamente, até perder qualquer relação com a Franche-Comté, o Ain, a relojoaria, os vinhedos, os cachimbos, a altitude, as vacas, os rigores do inverno, a fronteira suíça, o maciço alpino ou a simples montanha. Ela não representava mais nada. Jura, eu me dizia, Jura? Jura... E eu repetia a palavra, interminavelmente, como uma criança que não pára de mastigar, mastigar sem engolir, repetir sem assimilar, até a total decomposição do gosto e do sentido, mastigar, repetir, Jura, Jura, jura, jura ju, ra, ju ra ju ra jurajurajura, até a palavra se tornar massa sonora indefinida, sem o menor resquício de sentido, um resmungo de bêbado num cérebro esponjoso... é assim que se dorme numa aula de geografia.

– Você tinha a pretensão de detestar as maiúsculas.

Ah! Terríveis sentinelas, as maiúsculas! Parecia-me que elas se postavam entre os nomes próprios e mim para me impedir de chegar perto. Toda palavra marcada por uma maiúscula estava destinada ao esquecimento instantâneo: cidades, rios, batalhas, heróis, trata- dos, poetas, galáxias, teoremas, todos proibidos de memória por causa de uma maiúscula paralisante. Alto lá, exclamava a maiúscula, não se atravessa assim a porta dessa palavra, ela é muito *elite*. E a gente se sente indigno, um cretino!

Esclarecimento de Bernard, no caminho:

– Um cretino minúsculo!

Riso dos dois irmãos.

– E depois, de novo, com as línguas estrangeiras, eu não conseguia me livrar da idéia de que elas diziam coisas inteligentes demais para mim.

– O que dispensava você de aprender as listas de vocabulário.

– As palavras em inglês eram tão voláteis quanto os nomes próprios...



- ...

- ...

- Resumindo, você inventava histórias.

- É, mas é assim com os lerdos, eles inventam, em série, a história de suas falhas: sou nulo, não vou conseguir nunca, nem vale a pena tentar, estou perdido mesmo, eu tinha dito, a escola não foi feita para mim... A escola lhes parece um clube muito fechado no qual eles se proibem de entrar. Com a ajuda de alguns professores, às vezes.

- ...

- ...

Dois senhores de certa idade passeiam ao longo de um rio. No fim do passeio, eles param junto a um espelho de água, cercado de plantas e pedras roladas.

Bernard pergunta:

- Você continua bom no rebote?

*Família perfeita*  
*Aluno (rebo)*  
*AGORA 77* 5  
*o filho tem*  
*uma família*  
*que não dá*  
*nenhuma*

É evidente que a questão da causa original se impõe. De onde vinha esse meu desgosto? Filho da burguesia de Estado, saído de uma família afetuosas, sem conflito, cercado de adultos responsáveis que me ajudavam a fazer meus deveres... Pai politécnico, mãe em casa, nada de divórcio nem alcoólatras, sem temperamentos fortes, sem taras hereditárias, três irmãos em faculdade (dois matemáticos e engenheiros, um oficial), ritmo familiar regular, alimentação sadia, biblioteca em casa, cultura ambiente em conformidade com o meio e a época (pai e mãe nascidos antes de 1914): pintura até os impressionistas, poesia até Mallarmé, música até Debussy, romances russos, o inevitável período Teilhard de Chardin, Joyce e Cioran por toda a audácia... Discussões calmas, na mesa, risos e cultas.

E, no entanto, um lardo.

Nenhuma conclusão por tirar tampouco do histórico familiar. É uma progressão social em três gerações, graças à escola laica, gratuita e obrigatória, em resumo, ascensão republicana, vitória para Jules Ferry. Outro Jules, o tio de meu pai, o tio, Jules Pennacchioni levou ao certificado de estudos as crianças de Guarguaglie e de Pila-Canale, as vilas corsas da família; deve-se a ele gerações de professores primários, carteiros, guardas civis e outros funcionários da França colonial ou metropolitana... (talvez alguns bandidos, também, mas ele os fez leitores). O tio, conta-se, fazia com que todo o mundo praticasse ditado e exercícios de cálculo, em todas as circunstâncias; ele ia até buscar os filhos cujos pais obrigavam a faltar à escola durante a colheita de castanhas. Ele ia buscá-los no meio do mato, os levava para sua casa e avisava ao pai escravagista:

- Eu lhe devolvo o menino quando ele tiver o certificado dele!

Se é lenda, gosto dela. Não penso que se possa conceber o ofício de professor de outra maneira. Tudo o que de mal se fala da escola esconde o número de crianças que ela salvou de taras, de preconceitos, da arrogância, da ignorância, da burrice, da cupidez, da imobilidade ou do fatalismo das famílias.

Assim era o tio.

Entretanto, três gerações mais tarde, eu, o lerdo!

A vergonha do tio, se ele soubesse... Por sorte, ele morreu antes de me ver nascer.

Não somente meus antecedentes me proibiam toda lerdice, como, último representante de uma linhagem cada vez mais diplomada, eu estava socialmente programado para me tornar o florão da família: politécnico, *énarque* [tecnocrata] diplomado pela Escola Nacional de Administração, Tribunal de Contas, um ministério, vá-se lá saber o que mais... Não se podia esperar menos. Lá no topo, um casamento eficiente, a vinda ao mundo de filhos destinados desde o berço ao preparatório do Louis Grand\* e impelidos para o trono do Élysée ou na direção de um consórcio mundial de cosméticos. A rotina do darwinismo social, a reprodução das elites...

Mas que nada, um lerdo.

Um lerdo sem fundamento histórico, sem razão sociológica, sem desamor: um lerdo em si mesmo? Um lerdo-padrão. Uma unidade de medida.

Por quê?

A resposta jaz talvez no gabinete dos psicólogos, mas ainda não era a época do psicólogo escolar considerado como substituto familiar. Fazia-se o que se podia com os meios disponíveis.

Bernard, por seu lado, propunha sua explicação:

– Aos seis anos, você caiu no lixo municipal de Djibuti.

– Seis anos? O ano do *a*?

– É. Era um lixão a céu aberto, na verdade. Você caiu do alto de um muro. Não me lembro quanto tempo ficou macerando. Você tinha sumido, a gente procurava você por toda parte e você se deba-

\* Liceu parisiense de grande reputação pela qualidade do ensino. (N. da T.)

tendo ali, debaixo de um sol que estava perto de sessenta graus. Não gosto nem de imaginar o que aquilo parecia.

A imagem do (lixo), afinal de contas, convém bastante a este sentimento de depreciação que sente o aluno perdido para a escola. “Lixo” é, aliás, um termo que ouvi, pronunciado muitas vezes para qualificar essas *empresas*, esses cursinhos particulares que aceitam (por que preço?) recolher a escória dos colégios. Eu vivi numa assim, como pensionista, da sétima série ao primeiro ano de liceu. E, entre todos os professores que agüentei, quatro me salvaram.

– Quando você saiu daquele monte de lixo, teve uma septicemia. Tomou injeção de penicilina durante um mês. Aquilo lhe fazia um mal danado, você morria de medo. Quando o enfermeiro aparecia, passávamos horas procurando você na casa. Um dia você se escondeu num armário que lhe caiu em cima.

Medo da injeção, essa é uma metáfora falante: toda a minha escolaridade passada a fugir de professores considerados como Diafoirus\*, armados de seringas gigantescas e encarregados de me inocular aquela queimadura espessa, a penicilina dos anos 1950 – de que me lembro *muito* bem –, uma espécie de chumbo derretido que eles injetavam num corpo de criança.

Em todo o caso, o medo foi mesmo a grande ocupação da minha escolaridade: seu ferrolho. E a urgência do professor que me tornei foi de tratar o medo dos meus piores alunos para arrebentar esse ferrolho, para que o saber pudesse ter uma chance de passar.

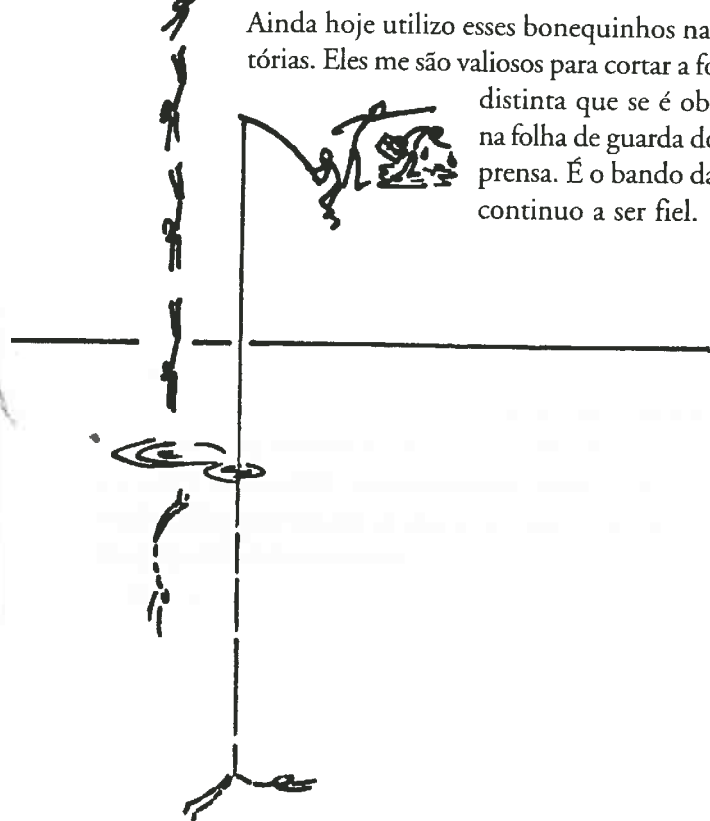
\* Personagem de Molière: um médico ignorante que se exprime em linguagem pretensiosa para impressionar os ignorantes. (N. da T.)

Tive um sonho. Não um sonho de criança, um sonho de hoje, enquanto estava escrevendo este livro. Logo depois do capítulo anterior, para dizer a verdade. Estou sentado, de pijama, na beira da cama. Enormes números de plástico, como esses com que as crianças pequenas brincam, estão espalhados em cima do tapete, na minha frente. Tenho de “botar os números em ordem”. Este é o enunciado. A operação me parece fácil, estou contente. Inclino-me e estendo os braços na direção dos números. E percebo que minhas mãos desapareceram. Já não há mãos na ponta do meu pijama. Minhas mangas estão vazias. Não é o desaparecimento de minhas mãos o que me assusta, é não poder alcançar os números para pô-los em ordem. O que eu teria sabido fazer.

Entretanto, exteriormente, sem ser agitado, fui um menino vivo e brincalhão. Hábil no gude e nos ossinhos, imbatível no balão cativo, campeão mundial de guerra de travesseiro ou mochila, eu brincava. Falante e risonho, até mesmo galhofeiro, tinha amigos em todos os níveis da turma, alguns lerdos, é claro, mas alguns *cabeças*, *primeiros da turma*, também – eu não tinha preconceitos. Mais que tudo, alguns professores me reprovavam essa alegria. Era acrescentar insolência à nulidade. A regra mínima de boa educação para um lerdo é ser discreto: natimorto seria o ideal. Acontece, porém, que a minha vitalidade me era vital, por assim dizer. Brincar me salvava do desgosto que me invadia quando eu caía na minha vergonha solitária. Meu Deus, essa solidão do lerdo na vergonha de nunca *fazer o que tem de ser feito!* E essa vontade de *fugir*... Eu senti muito cedo vontade de *fugir*. Para onde? Bastante confuso. *Fugir* de mim mesmo, digamos, e, no entanto, em mim mesmo. Mas um mim que fosse aceito pelos outros. É sem dúvida a esta vontade de fugir que devo a estranha escrita que precedeu minha escrita. Em lugar de formar as letras do alfabeto, eu desenhava uns bonequinhos que fugiam pela margem para formar um bando. Eu me aplicava, no entanto, no começo desenhava minhas letras, bem ou mal, mas pouco a pouco as letras se metamorfoseavam de si mesmas nesses pequenos seres saltitantes e alegres que iam folgar bem longe, ideogramas da minha necessidade de viver:



Ainda hoje utilizo esses bonequinhos nas minhas dedicatórias. Eles me são valiosos para cortar a fórmula da chatice distinta que se é obrigado a manter, na folha de guarda dos serviços de imprensa. É o bando da minha infância, continuo a ser fiel.



Adolescente, sonhei com um bando mais real. Não era a época, não era o meu meio, o ambiente não me dava a possibilidade, mas ainda hoje eu me digo: decididamente, se eu tivesse tido oportunidade de formar um bando, eu teria feito. E com que alegria! Meus companheiros de brincadeiras não me bastavam. Eu só existia para eles no recreio; na sala de aula eu me sentia comprometedor. Ah! diluir-me num bando em que a escolaridade não contasse para nada, que sonho! Qual é o atrativo do bando? Dissolver-se com a sensação de se afirmar. A bela ilusão da identidade! Tudo para esquecer esse sentimento de estranheza absoluta ao universo escolar, escapar aos olhares de desdém dos adultos. Tão convergentes, aqueles olhares! Opor um sentimento de comunidade àquela solidão perpétua, uma distância com relação ao aqui, um território para essa prisão. Deixar a ilha do lerdó a qualquer preço seria esse um navio de piratas, onde a lei seria a do murro na cara e que levaria, no máximo, à prisão. Eu os sentia tão mais fortes do que eu, os outros, os professores, os adultos, e com uma força tão mais esmagadora do que o murro, tão aceito e tão legal, que me acontecia sentir uma necessidade de vingança próxima da obsessão. (Quatro décadas depois, a expressão "ter ódio" não me surpreendeu, quando apareceu na boca de certos adolescentes. Multiplicada pela quantidade de fatores novos, sociológicos, culturais, econômicos, ela exprimia ainda esse sentimento de vingança que me foi tão familiar.) Por sorte, meus companheiros de brincadeira não eram desses que se constituem em bandos, e eu não era originário de nenhuma comunidade difícil. Fui então de um bando de jovens só meu, como diz a canção de Renaud, um bando bem modesto onde, solitário, eu praticava represálias a bem dizer dissimuladas. Aquelas línguas em conserva, por exemplo (uma

centena), as latas retiradas durante a noite da cantina e que eu tinha pregado na porta de um intendente porque ele as servia a nós duas vezes por semana e nós as encontrávamos no dia seguinte em nossos pratos se não tivéssemos comido. Ou aquele arenque azedo, amarrado ao cano de descarga do carro novo em folha de um professor de inglês (era um Ariane, lembro-me dele, a faixa dos pneus branca como sapatos de proxeneta...), que se pôs a feder inexplicavelmente a peixe grelhado. A tal ponto que, nos primeiros dias, até o proprietário empestava o ar, quando entrava na sala de aula. Ou ainda aquelas trinta galinhas, escamoteadas nas fazendas vizinhas do pensionato na montanha, para encher o quarto do vigia-chefe durante todo o fim de semana em que ele tinha me deixado sem saída. Que magnífico galinheiro se tornou aquele quarto, em apenas três dias: cocô mole e penas coladas, palha para ficar mais autêntico, ovos quebrados por todos os lados e milho generosamente distribuído por cima! Sem falar do cheiro! Ah, a festa que foi quando o chefe dos vigias, abrindo calmamente a porta do seu quarto, soltou nos corredores as prisioneiras assustadas, que todo mundo se pôs a perseguir, cada um por sua conta.

Era idiota, certo. Idiota, perverso, repreensível e imperdoável... No entanto, vou morrer sem lamentar minhas galinhas, meus arenques e meus pobres bois de língua cortada. Com meus bonequinhos doidos, eles faziam parte do meu bando.

Uma constante pedagógica: salvo raras exceções, o vingador solitário (ou o malandro dissimulado, é uma questão de ponto de vista) não se denuncia nunca. Se outro lhe deu um golpe, ele também não denuncia. Solidariedade? Não é certo. Uma espécie de voluptuosidade, é mais provável, para ver a autoridade se cansar em investigações estéreis. Que todos os alunos sejam punidos – privados disto ou daquilo – até que o culpado confesse não o emociona. Ao contrário, lhe é oferecida uma oportunidade para se sentir parte integrante da comunidade, enfim! Ele se associa a todos para julgar “nojento” isso de fazer tantos “inocentes” pagar em lugar de um só “culpado”. Estarrecedora sinceridade! O fato de que seja ele o culpado em questão já não entra, aos seus olhos, na conta. Punindo todo mundo, a autoridade lhe permitiu uma mudança de registro: já não estamos na ordem dos fatos, da investigação, mas no terreno dos princípios; ora, bom adolescente que ele é, a equidade é um princípio com relação ao qual não transige.

– Eles não acham quem é, então fazem todos nós pagar, isso é nojento!

Que o chamem de covarde, de ladrão, de mentiroso ou do que quer que seja, que um procurador tonitruante declare publicamente todo o desprezo que tem pelos insuportáveis da sua categoria que “não têm a coragem de seus atos”, nada disso o toca nem um pouco. Primeiro porque o que ele ouve ali é a confirmação daquilo que lhe foi repetido mil vezes e ele está de acordo com o procurador (é até um prazer raro este acordo secreto: “Sim, você tem razão, sou mesmo tão ruim quanto você diz, até pior, se você soubesse...”) e depois porque a coragem de ir pendurar os três trajes do chefe de disciplina no alto do pára-raios, por exemplo, não foi nenhum dos alunos ali

presentes quem teve, foi justamente ele, e ele sozinho, na noite mais escura, ele, na sua noturna e agora gloriosa solidão. Durante algumas horas, aqueles trajés deram ao colégio uma negra bandeira de pirata, e ninguém jamais saberá quem içou aquele grotesco pavilhão.

E, se acusarem outro em seu lugar, palavra de honra, ele continua calado porque conhece seu mundo e sabe muito bem (com Claudel, que porém nunca vai ler) que “também se pode merecer a injustiça”.

Ele não se denuncia. É que encontrou uma razão para a sua solidão e parou de ter medo. Já não abaixa os olhos. Olhem bem, ele é o culpado de olhar cômico. Esconde no seu silêncio este prazer único: *ninguém jamais saberá!* Quando nos sentimos de lugar nenhum, tendemos a fazer juramentos para nós mesmos.

Mas o que ele sente, acima de tudo, é a sombria alegria de ter-se tornado incompreensível para os ricos de saber que o reprovam de não compreender absolutamente nada. Descobriu em si uma aptidão, enfim: assustar os que o assustam; compraz-se intensamente nisso. Ninguém sabe de que ele é capaz, e isso é bom.

A origem da delinqüência está no investimento secreto de todas as faculdades da inteligência na astúcia.

Mas seria uma imagem falsa do aluno que fui se ficassemos apenas com essas represálias clandestinas. (Em tempo, aquilo dos três trajés, não fui eu.) O lardo contente, urdindo à noite seus golpes de vingança, o invisível Zorro dos castigos infantis, eu gostaria de poder me manter nessa imagem de ingenuidade. Só que eu era também – e acima de tudo – um garoto pronto para assumir qualquer compromisso por um olhar de adulto benevolente. Buscar o assentimento dos professores e colar-se a todos os conformismos: sim, professor, o senhor tem razão, sim... Olhe aqui, senhor, eu não sou assim tão burro, tão ruim, tão decepcionante, tão... Oh! a humilhação quando o outro me mandava de volta, com uma frase seca, para a minha indignidade. Oh! o abjeto sentimento de felicidade quando, ao contrário, ele soltava duas palavras vagamente gentis que eu assumia rapidamente como um tesouro de humanidade... E como eu corria, naquela noite mesmo, para dizer a meus pais: “Tive uma boa conversa com o professor tal...” (Como se se tratasse de ter uma boa conversa, devia dizer-se meu pai, com razão...) \* Retenção e prova \*

Durante muito tempo, arrastei comigo o traço dessa vergonha.

O ódio e a necessidade de afeição tinham, juntos, tomado conta de mim desde os meus primeiros fracassos. Tratava-se então de acalmar o ogro escolar. Fazer tudo para que ele não me devorasse o coração. Colaborar, por exemplo, para a compra do presente de aniversário do professor da sexta série, que, entretanto, anotava negativamente meus ditados: “Menos 38, Pennacchioni, a temperatura está cada vez mais baixa!” Quebrar a cabeça para escolher o que poderia realmente agradecer àquele cretino, organizar a coleta entre os alunos e fornecer eu mesmo o complemento, já que o preço da horrível maravilha ultrapassava o montante da coleta.

Havia cofres-fortes nas casas burguesas da época. Tomei a iniciativa de arrombar o de meus pais para participar do presente do meu torturador. Era um desses cofres pequenos, sombrios e sólidos onde dormem os segredos de família. Uma chave, um código de números, outro de letras. Eu sabia onde meus pais guardavam a chave, mas me foram necessárias muitas noites para encontrar a combinação. Código, chave, porta fechada. Porta fechada. Porta fechada. A gente se diz que não vai acertar nunca. Mas eis que de repente, um clique, a porta se abre! Estupefação. Uma porta aberta para o mundo secreto dos adultos. Segredos bem-comportados, no caso: algumas ações, suponho, dos empréstimos russos que dormiam lá à espera da ressurreição, a pistola de ordenança de um tio-avô, carregada, mas com o percussor limado. E dinheiro também, não muito, algumas notas de onde retirei a soma necessária para o financiamento do presente.

Roubar para comprar a afeição dos adultos... Não foi exatamente um roubo e não comprou evidentemente afeição nenhuma. A fraude foi descoberta quando, naquele mesmo ano, ofereci a minha mãe um daqueles horríveis jardins japoneses que estavam então na moda e que custavam os olhos da cara.

O acontecimento teve três conseqüências: minha mãe chorou (o que era raro), persuadida de ter posto no mundo um arrombador de cofres (o único domínio em que o seu caçula manifestava uma indiscutível precocidade), mandaram-me para um colégio interno, e pelo resto da vida permaneci incapaz de roubar o que quer que fosse, mesmo quando o roubo se tornou culturalmente moda para os jovens da minha geração.

A todos aqueles que hoje imputam a constituição de bandos unicamente ao fenômeno dos subúrbios, eu digo: vocês têm razão, sim, o desemprego, sim, a concentração dos excluídos, sim, os reagrupamentos étnicos, sim, a tirania das marcas, a família monoparental, sim, o desenvolvimento de uma economia paralela e os tráficos de todas as espécies, sim, sim, sim... Mas deixemos de subestimar a única coisa com relação à qual podemos pessoalmente agir e que data da noite dos tempos pedagógicos: a solidão e a vergonha do aluno que não entende, perdido num mundo em que todos os outros se entendem.

✦ Somente nós podemos tirá-lo dessa prisão, quer sejamos ou não formados para isso.

Os professores que me salvaram e que fizeram de mim um professor – não eram formados para isso. Eles não se preocuparam com as origens da minha enfermidade escolar. Eles não perderam tempo em buscar as causas nem em me passar sermões. Eles eram adultos confrontados com adolescentes em perigo. Eles se disseram que havia urgência. Eles mergulharam. Perderam-me. Mergulharam de novo, dia após dia, mais e mais... Acabaram me tirando de lá. E muitos outros, comigo. Eles literalmente nos resgataram. Nós lhes devemos a vida.

NÃO PODEMOS, COMO PROFESSORES,  
SUBESTIMAR A SOLIDÃO E A VERGONHA  
DE UM ALUNO PERDIDO.

**R**emexo na bagunça de velhos papéis à procura de meus boletins escolares e meus diplomas, e caio numa carta conservada por minha mãe. Ela é datada de fevereiro de 1959.

Eu tinha feito catorze anos havia três meses. Estava na oitava série e escrevi da minha primeira pensão:

*Minha querida mãe,*

*Eu também vi minhas notas, estou desanimado, cheio de duvidor [sic], quando a gente chega ao ponto de trabalhar 2 h sem parar durante um estudo para colher um 1 num dever de álgebra que a gente creditava [sic] bom então tem porque desencorajar, e também largei [sic] tudo para revisar meus exames e meu 4 em aplicação explica certamente a revisão do meu exame de geologia durante meu curso [sic] de matemática.*

(etc.)

*Eu não sou bastante inteligente e aplicado para continuar meus estudos. Tudo isso não me interessa, pego mal no crano [sic] ficar fechado na papelada, eu não etendo [sic] nada de inglês, de álgebra, sou uma negassão [sic] em ortografia, o que resta?*

Marie-Thé, cabeleireira de nossa vila – La Colle-sur-Loup –, minha amiga mais velha desde a minha tenra infância, me confessou recentemente que minha mãe, relaxando embaixo do secador, lhe havia contado sua preocupação quanto ao meu futuro, um pouco aliviada, disse ela, por ter obtido de meus irmãos a promessa de que eles cuidariam de mim depois que ela morresse, assim como meu pai.

Sempre na mesma carta, eu escrevia: “A senhora tem três filhos inteligentes e estudiosos... um outro um lerdo um preguiçoso [sic]...” Seguiu-se um estudo comparado das performances de meus irmãos e das minhas e uma vigorosa súplica para que se parasse com o massacre, que me retirassem da escola e me enviassem “para as colônias” (família de militares), “para uma aldeia [sic] e lá seri [sic] o único lugar onde eu ser [sic] feliz” (sublinhado duas vezes). O exílio, no fim do mundo, em resumo, o pior que pode acontecer do sonho, um projeto de fuga à Bardamu\* para um filho de soldado.

Dez anos depois, em 30 de setembro de 1969, recebi uma carta de meu pai, endereçada ao colégio onde eu exercia, havia um mês, o ofício de professor. Foi meu primeiro emprego e era sua primeira carta ao filho *concertado*. Ele estava saindo do hospital, contava-me as doçuras da convalescença, suas lentas caminhadas com nosso cachorro, dava-me notícias da família, anunciava-me o possível casamento de minha prima em Estocolmo, fazia discretas alusões a um projeto de romance de que tínhamos falado juntos (e que nunca escrevi), manifestava uma viva curiosidade com relação ao que era assunto de conversa entre meus colegas e mim, à mesa, esperava a chegada, pelo correio, de *La loge du gouverneur*, de Angelo Rinaldi, reclamando da greve dos carteiros, elogiava *O apanhador no campo de centeio*, de Salinger, e *Le jardin des délices*, de Cabanis, desculpava minha mãe por não me escrever (“mais cansada do que eu por ter cuidado de mim”), anunciava que tinha emprestado o estepe de nosso 2CV à minha amiga Fanchon (“Bernard ficou todo contente por tê-lo trocado para ela”) e mandava-me um abraço, assegurando-me a sua boa forma.

Assim como não me havia ameaçado sobre um futuro calamitoso durante minha escolaridade, ele não fazia a menor alusão ao meu passado de lerdo. Sobre a maior parte dos assuntos, seu tom era, como de hábito, pudicamente irônico, e não parecia considerar

\* Personagem medíocre e covarde de Céline em *Viagem ao fim da noite*. (N. da T.)



que meu novo estado de professor merecesse que se surpreendesse, ou que me felicitasse, ou que se preocupasse pelos meus alunos.

Enfim, meu pai, tal como ele sempre foi, irônico e instruído, desejoso de conversar comigo, a uma distância respeitável, sobre a vida que continuava.

Tenho o envelope dessa carta diante dos olhos.

Hoje, somente um detalhe me chama atenção.

Ele não tinha se contentado em escrever meu nome, o nome do colégio, o da rua e o da cidade.

Ele tinha acrescentado a menção: professor.

*Daniel Pennacchioni*  
*professor do colégio...*

*Professor...*

Na sua escrita, tão exata.

Para mim foi preciso uma existência inteira para entender esse grito de alegria e esse suspiro de alívio.

## II

### VIR A SER

*Tenho doze anos e meio  
e não fiz nada.*

Entramos, enquanto escrevo estas linhas, na temporada dos pedidos de socorro. Desde o mês de março, o telefone fica tocando, lá em casa, muito mais do que o normal. Amigos meio perdidos buscando uma nova escola para um filho reprovado, primos desesperados em busca de mais uma empresa depois de mais uma expulsão, vizinhos contestando a eficácia da repetição, desconhecidos que me conhecem porque pegaram meu telefone com fulano...

Geralmente são ligações noturnas, perto do fim do jantar, hora da angústia. Chamadas de mães, o mais comum. De fato, raramente o pai. O pai vem depois, quando vem, mas, na origem, a primeira ligação telefônica é sempre da mãe, e quase sempre para o (filho). A filha parece mais séria.

A mãe. Ela está sozinha em casa, a refeição terminada, a louça lavada, o boletim do menino aberto diante dela, o menino bem trancado no quarto, diante do videogame ou já lá fora, na rua com seu bando, apesar de uma tímida proibição.. Ela está sozinha, a mão no telefone, e hesita. Explicar pela enésima vez o caso do filho, fazer mais uma vez o histórico de seus fracassos, que desânimo, meu Deus... E a perspectiva da canseira por vir: negociar ainda este ano com as escolas que queiram aceitá-lo... pegar um dia livre no escritório, na loja... visitas aos diretores de estabelecimentos... barragens das secretárias... formulários por preencher... espera da resposta... entrevistas... com o filho... sem o filho... testes... espera dos resultados... documentação... incertezas, essa escola é melhor do que aquela? (Porque em matéria de escola a questão da excelência se coloca tanto no alto da escala como no fundo do mar, a melhor escola para os melhores alunos e a melhor para os naufragados, é isso aí...) Ela liga, finalmente. Pede desculpas por incomodar, sabe o quanto você deve ser soli-

citado, mas o fato é que tem um filho que, é verdade, ela não sabe mais como...

Mestres, meus irmãos, eu suplico, pensem nos seus colegas quando, no silêncio da sala dos professores, vocês escrevem nos seus boletins que "o terceiro trimestre será determinante". Campanha instantânea de meu telefone:

– O terceiro trimestre, olhe só! A decisão deles já foi tomada desde o começo, viu.

– O terceiro trimestre, o terceiro trimestre, o garoto não está nem aí, a ameaça do terceiro trimestre, ele nunca teve um só trimestre decente!

– O terceiro trimestre... Como é que o senhor quer que ele se recupere de tal atraso em tão pouco tempo? Eles sabem muito bem que é um queijo de buracos esse terceiro trimestre deles, com tantos feriados e férias!

– Se eles se recusam a passar de ano, dessa vez eu vou à luta!

– De qualquer modo, hoje em dia é preciso se prevenir cada vez mais cedo para encontrar uma escola...

E tudo isso dura até o fim de junho, quando fica provado que o terceiro trimestre é mesmo determinante, que o pimpolho não vai passar de ano e que é efetivamente tarde demais para buscar uma nova escola, todo mundo já fez isso antes, mas o que é que você quer?, a gente procura acreditar até o fim, dizendo que dessa vez quem sabe o garoto ia entender, ele melhorou no terceiro trimestre, eu garanto, ele se esforçava, muito menos faltas...

2º ANO  
MÃE  
SEM MEDOS...

2 MÃES SEM MEDOS  
SEM MEDOS...

Há a mãe perdida, cansada pela deriva do filho, evocando os supostos efeitos de desastres conjugais: foi a nossa separação que... depois da morte do pai, ele já não é... Há a mãe humilhada pelos conselhos das amigas cujos filhos estão avançando bem ou que, pior, evitam o assunto com uma discrição quase insultante... Há a mãe enfurecida, convencida de que o seu menino é sempre inocente, vítima de uma coalizão docente, todas as disciplinas juntas, isso começou logo cedo, no maternal havia uma professora que... e ainda piorou no pré, o professor, um homem desta vez, era pior, e veja o senhor que o professor de francês na sétima série lhe... Há aquela que não acusa ninguém, mas vitupera a sociedade que se degrada, a instituição que decai, o sistema que apodrece, em suma, a realidade, que não corresponde ao seu sonho... Há a mãe furiosa com o filho, esse menino por quem tudo fez e que nunca... nem ao menos uma vez, o senhor me entende! Há a mãe que nunca encontrou um só professor durante o ano e aquela que os assedia a todos... Há a mãe que telefona simplesmente para que você a desembarace, mais uma vez, este ano, de um filho de quem ela não quer mais ouvir falar até o ano que vem, mesma data, mesma hora, mesmo telefonema, e que o diz: "Vamos ver no ano que vem, agora é só encontrar uma escola para ele, daqui até lá." Há a mãe que teme a reação do pai: "Desta vez, meu marido não vai agüentá-lo" (a maior parte das notas dos boletins foi escondida do marido em questão)... Há a mãe que não compreende esse filho tão diferente do outro e se esforça para não gostar menos dele, e que procura ser a mesma mãe para os seus dois meninos. Há a mãe que, ao contrário, não consegue se impedir de favorecer esse mesmo ("E eu me dediquei inteiramente a ele"), para grande prejuízo dos irmãos e irmãs, é evidente.

e que utilizou em vão todos os recursos de apoio auxiliares: esporte, psicologia, fonoaudiologia, *sofrolgia*, tratamentos de vitaminas, relaxamento, homeopatia, terapia familiar ou individual... Há a mãe versada em psicologia que, dando explicação para tudo, se espanta com que nunca se encontre solução para coisa alguma, a única no mundo que compreende o filho, a filha, os amigos do filho e da filha, e que, com uma juventude de espírito perpétua ("Não é verdade que é preciso saber se manter jovem?"), se espanta de que o mundo tenha se tornado tão velho, tão inapto para entender os jovens. Há a mãe que chora, ela chama você e chora em silêncio, e pede desculpas por chorar... uma mistura de tristeza, preocupação e vergonha... Na verdade, todas têm um pouco de vergonha e todas estão preocupadas com o futuro de seu menino: "Mas o que é que ele vai *vir a ser*?" A maior parte faz do *vir a ser* uma representação que é uma projeção do presente sobre a tela obsedante do futuro. O futuro como uma parede, onde seriam projetadas as imagens desmesuradamente ampliadas de um presente sem esperança, este é o grande medo das mães!

Elas ignoram que estão se endereçando ao mais jovem arrombador de cofres de sua geração e que, se suas representações do futuro fossem fundamentadas, eu não estaria ao telefone a escutá-las, mas na prisão, a contar meus piolhos, conforme o filme que minha pobre mamãe deve ter projetado na tela do futuro quando ela ficou sabendo que seu filho de onze anos pilhava as economias da família.

Então, eu tento uma brincadeira:

– Você conhece o único meio de fazer rir a Deus?

Hesitação do outro lado da linha.

– Conte a ele seus projetos.

Em outros termos, sem precipitação, nada se passa como previsto, é a única coisa que nos ensina o futuro quando vem a ser passado.

É insuficiente, claro, é como um esparadrapo numa ferida que não vai cicatrizar assim tão fácil, mas faço com os meios do telefone.

Para ser justo, falam-me também, às vezes, de bons alunos: a mãe metódica, por exemplo, à procura do melhor curso preparatório, como fez, desde o nascimento de seu filho, em busca do melhor maternal, e que me empresta competência para essa pesca em altitude; ou a mãe vinda de outro mundo, primeira imigração, zeladora do meu prédio, que descobriu estranhos dons na filha, e tem razão, a menina deve prosseguir num ciclo longo, nenhuma dúvida nesse sentido, ela vai fazer uma futura agregação de qualquer coisa, ela vai mesmo poder fazer escolhas, nessa matéria... (De fato, ela termina hoje seus estudos de direito.) Mais ainda, há L. M., agricultor no Vercors, convocado pela professora da vila, diante dos resultados extraordinários de seu filho...

– Ela me perguntou o que eu gostaria que ele fosse depois.

E levanta o copo à minha saúde:

– Vocês são engraçados, vocês professores, com suas perguntas...

– Então, o que foi que você respondeu?

– O que é que você quer que um pai responda? O máximo!

Presidente da República!

Existe o inverso, outro pai, agente de manutenção, esse que quer absolutamente abreviar os estudos do filho para o mandar para o trabalho, que o garoto “ganhe” logo, rápido. (“Mais um salário na família não é nada mau!”) Sim, mas o problema é que o menino quer ser professor de escola, justamente, professor primário, e eu acho que é uma boa idéia, eu mesmo gostaria muito que ele entrasse no magistério, é um menino tão vivo e com tanta vontade, negociemos, negociemos, e vão ser felizes os futuros alunos desse futuro colega...

Então é isso, vou me fazendo acreditar no *vir a ser*. Também eu, que retomo a fé na escola da república. Foi ela que formou meu

próprio pai, é, afinal, a escola da república, e esse menino se parece muito com aquele que deveria ser meu pai, o pequeno Corso de Aurillac, lá pelo ano de 1913, quando seu irmão mais velho foi trabalhar para oferecer ao mais novo os meios e o tempo para transpor as portas da escola politécnica.

\* Eu também sempre encorajei meus amigos e meus alunos mais vivos a se tornar professores. Sempre pensei que a escola, antes de tudo, eram os professores. E quem me salvou da escola senão três ou quatro professores?

Professores  
três ou  
quatro

A escola eram  
os professores

Há aquele pai, irritado, que me afirma, categórico:  
 – Meu filho não tem maturidade.

É um homem jovem, estritamente sentado nas perpendiculares do seu terno. Esticado na cadeira, foi declarando logo de entrada que seu filho não tem maturidade. É uma constatação. Não pede pergunta nem comentário. Exige uma solução e ponto final. Eu pergunto, mesmo assim, a idade do filho em questão.

Resposta imediata:

!!! – Onze anos, já!!!

É um dia em que não estou em boa forma. Maldormido, talvez. Ponho a testa entre as mãos para declarar, finalmente, como um Rasputim infalível:

– Tenho a solução.

Ele levanta a sobrancelha. Olhar satisfeito. Bem, estamos entre profissionais. Então, essa solução?

Eu a dou:

– Espera

Ele não fica contente. A conversa não vai muito mais longe.

– Esse garoto não pode, afinal de contas, passar o tempo todo brincando.

No dia seguinte, eu cruzo com esse mesmo pai na rua.

Mesmo terno, mesma rigidez, mesma maleta executiva.

Mas ele se desloca numa patinete.

Juro que é verdade.

Nenhum futuro.

Crianças que não vão ser nada.

Crianças desesperadoras.

Aluno de primário, depois colegial e depois estudante de liceu, eu também acreditei com todas as forças nessa minha existência sem futuro.

Essa é mesmo a primeira coisa de que um mau aluno fica persuadido.

– Com essas notas, o que é que você pode esperar?

– Você pensa que vai passar para a sexta série? (Para a sexta, a sétima, a oitava, o segundo grau...)

– Que chances no vestibular você calcula que tem? Para me dar prazer, calcule você mesmo, em cem, quanto?

Ou essa diretora de escola, soltando um verdadeiro grito de alegria:

– Você, Pennacchioni, o BEPC? Você não vai ter nunca! Está me ouvindo? Nunca!

Ela vibrava!

Em todo o caso, não vou ser como a senhora, sua velha maluca! Eu nunca serei professor, sua aranha enredada na própria teia, sua vigia de prisão, pregada aí no seu gabinete até o fim dos seus dias. Nunca! Nós, os alunos, nós passamos e vocês, vocês ficam! Nós somos livres e vocês pegaram prisão perpétua. Nós, os ruins, nós não vamos a lugar nenhum, mas ao menos nós andamos. O estrado da sala de aula não será a cerca miserável de nossa vida!

Desprezo por desprezo, eu me agarrava a este conforto malévolos: nós passamos, os professores ficam; essa é uma conversa freqüente entre os alunos de fundo de sala. Os lerdos se alimentam de palavras.

Eu ignorava, então, que acontece aos professores sentir também essa sensação de perpetuidade: repisar indefinidamente as mesmas aulas, diante de turmas impermutáveis, desabar sob o fardo cotidiano das correções de exercícios (não é possível imaginar Sísifo feliz com um pacote de provas!), eu não sabia que a monotonia é a primeira razão que os professores invocam quando decidem abandonar o ofício, eu não podia imaginar que alguns deles sofrem mesmo por terem de ficar sentados lá, enquanto os alunos passam... Eu ignorava que os professores também se preocupam com o futuro: passar a agregação, acabar minha tese, entrar na faculdade, voar mais alto para ensinar nas classes preparatórias, optar pela pesquisa, fugir para o estrangeiro, entregar-me à criação, mudar de setor, deixar de lado finalmente esses caras espinhentos, amorfos e vingativos que produzem toneladas de papel, eu ignorava que quando os professores não pensam em seu futuro é porque eles estão pensando no de seus filhos, nos estudos superiores da sua prole... Eu não sabia que a cabeça dos professores está saturada de futuro. Eu acreditava que eles estivessem lá só para interditar o meu.

Interdição de futuro.

À força de ouvir repetir, eu tinha feito para mim uma representação bastante precisa dessa vida sem futuro. Não que o tempo fosse cessar de passar, nem que o futuro não existisse, não, é que eu seria igual ao que eu era hoje. Não o mesmo, com certeza, não como se o tempo não tivesse passado, mas como se os anos fossem se acumulando sem que nada mudasse dentro de mim, como se meu instante futuro ameaçasse ser rigorosamente igual ao meu presente. Ora, e de que era feito o meu presente? De um sentimento de indignidade que saturava a soma dos meus instantes passados. Eu era uma nulidade escolar e *nunca tinha sido outra coisa além disso*. É certo que o tempo iria passar, certo pelo crescimento, certo pelos acontecimentos, certo pela vida, mas eu atravessaria essa existência sem alcançar jamais nenhum *resultado*. Era muito mais do que uma certeza, era eu.

Disso algumas crianças ficam persuadidas muito depressa. Se elas não encontram alguém para as tirar do engano, e como não se pode viver sem paixão, elas desenvolvem, por falta de coisa melhor, a paixão pelo fracasso.

— Fracasso escolar! 5

Futuro, essa estranha ameaça...

Fim de tarde de inverno. Nathalie, soluçando, desce precipitadamente a escadaria do colégio. Uma tristeza, um desgosto que quer ser escutado. Que utiliza o cimento como caixa de ressonância. É ainda uma criança, seu corpo tem o peso de um antigo bebê nos degraus ressonantes da escada. São cinco e meia da tarde, quase todos os alunos já foram embora. Sou um dos últimos professores a passar por ali. O tam-tam dos passos nos degraus, a explosão de soluços: ai, isso é desgosto de escola, pensa o professor, desproporção, desproporção, desgosto provavelmente desproporcional! E Nathalie aparece embaixo, na escada. Então, Nathalie, que tristeza é essa? Conheço esta aluna, foi minha aluna no ano passado, na sexta série. Uma criança insegura, por encorajar, algumas vezes. O que está acontecendo, Nathalie? Resistência de princípio: Nada, senhor, nada. Então é muito barulho por nada, minha menina! Soluços redobrados, e Nathalie, finalmente, expõe sua infelicidade entre soluços:

— Seu... Seu... Professor, eu não... eu não consigo... Não consigo c... comp... Não consigo compreender...

— Compreender o quê? O que é que você não consegue compreender?

— A ora... a ora...

E bruscamente a rolha salta e sai tudo de uma vez:

— A... oração-subordinada-adverbial-concessiva!

Silêncio.

Nada de fazer graça.

Sobretudo não rir.

— A oração subordinada adverbial concessiva? É ela que põe você nesse estado?

Alvío. O professor se põe a pensar bem depressa e seriamente na oração em questão; como explicar a essa aluna que não há razão para fazer uma tempestade num copo d'água, que ela utiliza sem saber essa detestável oração (uma das minhas preferidas, aliás, se por acaso se pode preferir uma adverbial a outra...), a oração que torna possíveis todos os debates, condição primeira para a sutileza, na sinceridade como na má-fé, é preciso reconhecer, mas é mesmo assim, não há tolerância sem concessão, menina; está tudo aí, é só enumerar as conjunções que apresentam essa subordinada: *se bem que, posto que, ainda que, qualquer que...* você sabe bem que é com essas palavras que a gente se encaminha para a sutileza, que se faz a parte do ou isto ou aquilo, que essa oração vai fazer de você uma moça comedida e refletida, pronta para escutar e para não responder qualquer bobagem, uma mulher de argumentos, talvez uma filósofa, olhe só o que ela vai fazer de você, a conjuntiva de concessão e de oposição!

Pronto, o professor está ligado: como consolar uma garota com uma lição de gramática? Vamos ver... Se você tem cinco minutos, Nathalie, vem aqui que eu explico. Sala vazia, sente-se, escute-me bem, é muito simples... Ela se senta, ela me escuta, é muito simples. Viu só? Você entendeu? Dê-me um exemplo, para ver. Exemplo correto. Ela entendeu. Bom. Está melhor? Bem, nada disso, não ficou nada melhor, uma nova crise de lágrimas, soluços enormes e, de repente, esta frase que eu nunca esqueci:

— O senhor não entende, professor, eu tenho doze anos e não fiz nada.

— ...

Em casa, eu peneiro a frase. O que é que a garota estava querendo dizer? “Não fiz nada...” Não fez nada de mal, em todo o caso, a inocente Nathalie.

Precisei esperar a tarde do dia seguinte, informação tomada, para ficar sabendo que o pai de Nathalie acabava de ser despedido depois de dez anos de bons e leais serviços como funcionário numa empresa de não sei quê. Um dos primeiros funcionários despedidos. Estamos no meio dos anos 1980; até então o desemprego era de cultura operária, se assim se pode dizer. E aquele homem, jovem, que

não tinha jamais duvidado do seu papel na sociedade, funcionário modelo e pai atento (eu o vi muitas vezes no ano anterior, preocupado com sua filha tão tímida e pouco confiante em si mesma), desmoronou. Ele fez o balanço definitivo. Na mesa da família, não pára de repetir: “Tenho 35 anos e não fiz nada.”



Amei  
2018
 O pai de Nathalie inaugurava uma época em que o futuro mesmo seria considerado sem futuro; uma década durante a qual os alunos iam escutar todos os dias e em todos os tons: acabou-se a época das vacas gordas, meus filhos! E se acabaram os amores fáceis! Desemprego e AIDS para todo o mundo, eis o que espera vocês. É, foi essa toada de realejo que nós, pais ou professores, repetimos para eles nos anos que se seguiram, para os “motivar” no mais alto grau. Um discurso como um céu fechado. Então era isso o que fazia a pequena Nathalie chorar; ela estava triste por antecipação, ela chorava seu futuro como um jovem morto. E ela se sentia bastante culpada de matá-lo um pouco mais, a cada dia, com as suas dificuldades em gramática. É verdade que, ainda por cima, o professor dela tinha achado bom afirmar que ela tinha “água de louça suja no crânio”. Água de louça suja, Nathalie? Deixe-me escutar... Eu sacudi a cabecinha dela fazendo cara de médico atento... Não, não há água lá dentro, nem louça... Sorriso tímido, assim mesmo. Espere um pouco... E eu bati de leve na cabeça dela, com o indicador dobrado, como se bate numa porta... Não, posso garantir, é um belo cérebro que eu estou escutando, Nathalie, excepcional, mesmo, um som muito bonito, exatamente o som que fazem as cabeças cheias de idéias! Um risinho, enfim.

PROFESSOR  
DE-RECLAMAR
 Tanto desgosto que nós lhes pusemos na alma, durante todos esses anos! E como eu prefiro o riso de Marcel Aymé, o bom riso acerbo de Marcel, que exalta a sabedoria do filho que pressentiu o desemprego antes de todo mundo:

– Você, Émile, você é muito mais esperto do que seu irmão. É preciso dizer que você é o mais velho e tem mais conhecimento da vida. Em

todo o caso, não me preocupo com você, você soube resistir à tentação, e, como você nunca bateu um prego, é assim que está preparado para a vida que o espera. O que é mais duro para o desempregado, olhe só, é não ter sido habituado desde a infância a esse tipo de vida. É mais forte do que se pensa, tem-se uma coceira de trabalho nas mãos. Com você, fico tranqüilo, você tem na mão um jeito de preguiçoso que só pede para mudar de lado.

– Mesmo assim – protestou Émile – eu sei ler quase correntemente.

– E essa é ainda uma prova de que você é esperto. Sem nada com que se preocupar nem adquirir maus hábitos com o trabalho, você é capaz de acompanhar o Tour de France no seu jornal e todas as prestações de contas das grandes provas esportivas que são escritas para a distração do desempregado. Ah! Você vai ser um homem feliz...

Mais de vinte anos se passaram. Hoje, o desemprego está, de fato, em todas as culturas, o futuro profissional já não sorri para muita gente, nas nossas latitudes o amor perdeu o brilho, e Nathalie deve ser uma jovem mulher de trinta e sete anos (e meio). E mãe, pode ser. De uma filha de doze anos, talvez. Nathalie está desempregada ou satisfeita com o seu papel social? Perdida de solidão ou feliz no amor? Mulher equilibrada, mestra em concessões e oposições? Ela despeja suas angústias na mesa familiar ou ela pensa brevemente no moral de sua filha quando a menina atravessa a porta da sala de aula?

Nossos <sup>entre ASPAS</sup> "maus alunos" (alunos considerados sem futuro) nunca chegam sozinhos à escola. É uma cebola que entra na sala de aula: algumas camadas de desgosto, medo, preocupação, rancor, raiva, vontades não satisfeitas, renúncias furiosas, acumuladas no fundo de um passado vergonhoso, um presente ameaçador, um futuro condenado. Olhe como eles chegam, seus corpos em formação e suas famílias dentro das mochilas. A aula não pode verdadeiramente começar antes que o fardo seja depositado no chão e que a cebola seja descascada. Isso é difícil de explicar, mas um só olhar às vezes é suficiente, uma frase de simpatia, uma palavra de adulto confiante, clara e estável, para dissolver as tristezas, tornar mais leves esses espíritos, instalá-los num presente rigorosamente indicativo.

Naturalmente, o benefício será provisório, a cebola vai se recompor na saída e sem dúvida vai ser necessário recomeçar amanhã. Mas ensinar é isto: recomeçar até o nosso necessário desaparecimento como professor. Se nós falhamos em instalar nossos alunos no indicativo presente de nossas aulas, se o nosso saber e o gosto de seu uso não pegam nesses meninos e meninas, no sentido botânico do termo, a existência deles vai oscilar nas fendas de uma ausência indefinida. É evidente que não somos os únicos a cavar essas galerias, ou a não ter sabido preenchê-las, mas esses homens e essas mulheres passaram um ou muitos anos de sua juventude lá, sentados à nossa frente. E não é nada um ano de escolaridade perdido: é a eternidade num bocal.

Seria necessário inventar um tempo particular para a aprendizagem. O *presente de encarnação*, por exemplo. Eu estou aqui nesta sala de aula e eu entendo, enfim. É isso! Meu cérebro está difuso no meu corpo: isto *se encarna*.

Quando não é o caso, quando não entendo nada, me desagrego ali mesmo, me desintegro no tempo que não passa, viro poeira e ao menor sopro me disperso.

Acontece porém que, para o conhecimento ter chance de se encarnar no presente de uma aula, é preciso parar de brandir o passado como uma vergonha e o futuro como um castigo.

*1. PRESENTE DA SALA DE AULA: DEVE SER BRANDIDO  
O PASSADO COMO VERGONHA E O FUTURO  
COMO CASTIGO*

A propósito, o que se tornam aqueles que *vieram a ser*? F. morreu alguns meses depois da sua aposentadoria. J. se jogou pela janela na véspera da sua. G. teve uma depressão nervosa. Outro conseguiu sair. Os médicos de J. F. datam o começo de seu Alzheimer no primeiro ano de sua aposentadoria antecipada. Os de P. B. também. A pobre L. chora todas as lágrimas de seu corpo por ter sido despedida do grupo de imprensa onde ela acreditava fazer a atualidade *ad vitam aeternam*. E eu penso ainda no sapateiro de P., morto por não ter encontrado a quem passar a sua oficina. “Então minha vida não vale nada?” É o que ele não parava de repetir. Ninguém queria comprar sua razão de ser. “Tudo isso por nada?” Ele morreu de desgosto.

Aquele ali é diplomata; aposentado dentro de seis meses, ele teme acima de tudo o face a face consigo mesmo. Ele busca outra coisa para fazer: conselheiro internacional de um grupo industrial? Conselheiro aqui ou ali? Quanto àquele outro, foi primeiro-ministro. Sonhou durante trinta anos, desde seus primeiros sucessos eleitorais. Sua mulher sempre o encorajou. É um bem-rodado da política, ele sabia que esse papel-título, o governo de fulano, era, por natureza, temporário. E perigoso. Sabia que na primeira ocasião ele seria motivo de riso na imprensa, um alvo precioso, até no seu próprio campo, bode expiatório-chefe. Sem dúvida conhecia a blague de Clémenceau sobre seu chefe de gabinete, em 1917, “Quando eu peido, é ele quem fede”. (Sim, o mundo político tem dessas elegâncias. É sobretudo quando estamos entre “amigos” que mais devemos pesar perfeitamente as declarações públicas.) Então, ele se tornou primeiro-ministro. Aceitou esse contrato perigoso com duração limitada. Ele e a mulher se blindaram, em consequência. Primeiro-

ministro durante alguns anos, bem. Os alguns anos passam. Como previsto, ele cai. Ele perde o ministério. Os mais chegados afirmam que ele sentiu muito o golpe: "Ele está com medo do futuro." Tanto, que uma depressão nervosa o leva à beira do suicídio.

Malefício do papel social para o qual nós fomos instruídos e educados e que nós interpretamos "toda a nossa vida", ou seja, uma metade do nosso tempo de viver: retirem-nos o papel, nós já não somos os atores.

!!!  
Esses fins de carreira dramáticos evocam um desespero bastante comparável, aos meus olhos, ao tormento do adolescente que, acreditando não ter nenhum futuro, sente muita dor por viver. Reduzidos a nós mesmos, nós nos reduzimos a nada. A ponto de chegarmos a nos matar. É, pelo menos, uma falha em nossa educação.

Que sério!

Vinte e um anos e eu estava particularmente descontente comigo mesmo. Completamente infeliz por ser quem eu era. Bastante desejoso de nada vir a ser. A janela do meu quarto dava para os flancos de La Gaude e de Saint Jeannet, duas rochas abruptas de nossos Alpes do Sul, renomadas por abreviar o sofrimento dos enamorados rejeitados. Numa manhã em que eu estava olhando aquelas falésias com uma afeição meio exagerada, bateram à porta do meu quarto. Era meu pai. Ele apenas passou a cabeça pela abertura:

– Ah! Daniel, esqueci completamente de lhe dizer: o suicídio é uma imprudência!

Mas voltemos aos meus começos. Perturbada pelo meu assalto familiar, minha mãe foi buscar conselho com o diretor do meu colégio, um personagem bonachão e perspicaz, fornido de um grande nariz reconfortante (os alunos o chamavam de Nariz). Julgando-me mais ansioso e fraco do que perigoso, Nariz preconizou o afastamento e uma grande lufada de ar. Um período em altitude me enrijeceria. Um internato de montanha, sim, era a solução, eu ganharia forças e aprenderia as regras da vida em comunidade. Não se preocupe, a senhora não é a mãe de Arsène Lupin, mas de um pequeno sonhador a quem se deve dar o senso de realidade. Seguiram-se meus dois primeiros anos de internato, sétima e oitava séries, quando eu só encontrava minha família no Natal, na Páscoa e nas grandes férias. Os outros anos, eu os passei em pensionatos semanais.

A questão de saber se eu fui “feliz” no pensionato é bastante secundária. Digamos que o estado de pensionista me foi infinitamente mais suportável que o de externo.

É difícil explicar aos pais de hoje as vantagens do internato, tanto que eles o vêem como uma prisão de forçados. Aos seus olhos, mandar seus filhos para lá tem sentido de abandono de paternidade. Evocar somente a possibilidade de um ano em pensão é passar por um monstro retrógrado, adepto da prisão para os lerdos. Inútil você explicar que foi você mesmo quem sobreviveu, o argumento da outra época é imediatamente oposto: “Sim, mas naquele tempo os garotos eram tratados com dureza!”

Hoje que foi inventado o amor parental, a questão do internato é tabu, salvo como ameaça, o que prova que ninguém a toma por solução.

AMEAÇA NUNCA  
É UMA SOLUÇÃO

E no entanto...

Não, não vou fazer uma apologia do internato.

Não.

Vamos tentar apenas descrever o pesadelo normal de um externo em situação de “fracasso escolar”.

Qual externo? Um desses com que me entretêm as minhas mães telefônicas, por exemplo, e que elas não enviariam por nada no mundo para um internato. Vamos olhar as coisas pelo lado melhor: é um bom menino, amado pela família; ele não quer a morte de ninguém, mas, à força de nada entender de nada, ele não faz grande coisa e recolhe boletins escolares onde os professores, extenuados, deixam passar suas apreciações sem esperança: “nenhum trabalho”, “nada fez, sem rendimento”, “em queda livre”, ou, mais sobriamente, “o que dizer?”. (Tenho, ao escrever estas linhas, esse boletim e alguns outros diante dos olhos.)

Sigamos nosso mau externo em um de seus dias escolares. Excepcionalmente, ele não está atrasado – a sua caderneta de recados o chamou muito seguidamente à ordem, nesses últimos tempos –, mas sua mochila está quase vazia: livros, cadernos, material mais uma vez esquecido (seu professor de música escrevera lindamente no seu boletim trimestral: “Falta de flauta”).

Fica bem entendido que seus deveres de casa não são feitos. Ora, seu primeiro tempo é uma hora de matemática, e os exercícios são daqueles que faltam à chamada. Aqui, de três, uma: ou ele não fez estes exercícios porque estava ocupado com outra coisa (uma balada na rua entre colegas, um massacre qualquer de vídeo no quarto, trancado...), ou ele se deixou cair da cama sob o peso de uma prostração mole e afundou no esquecimento, uma onda de música urrando no seu crânio, ou – e esta é a hipótese mais otimista – ele tentou bravamente, durante uma hora ou duas, fazer seus exercícios, mas não conseguiu.

Nos três casos, na falta do trabalho, nosso externo deve fornecer uma justificativa ao professor. Ora, a explicação mais difícil a ofe-

recer, na ocorrência, é a verdade pura e simples: “Professor, professora, não fiz meus exercícios porque passei boa parte da noite em algum lugar do ciberespaço combatendo os soldados do Mal, aliás, exterminei até o último, o senhor pode acreditar.” “Professora, professor, sinto muito por esses exercícios que não fiz, mas ontem à noite eu cedi ao peso de uma esmagadora estupidez, fiquei embotado, sem conseguir mexer nem o dedo, só tive força para ligar meu iPod.”

A verdade apresenta aqui a inconveniência da confissão “Não fiz o meu trabalho de casa”, o que leva a uma sanção imediata. Nosso externo vai preferir uma versão institucionalmente mais apresentável. Por exemplo: “Meus pais são divorciados, esqueci meu dever na casa de meu pai antes de voltar para a casa de mamãe.” Em outros termos, uma mentira. Por seu lado, o professor geralmente prefere essa verdade arranjada a uma confissão demasiado abrupta que o questionasse em sua autoridade. O choque frontal é evitado, o aluno e o professor acertam suas contas nesse passe diplomático. Para a nota, a tarifa é conhecida: trabalho não entregue, zero.

O caso do externo que tentou bravamente, mas em vão, fazer seu dever não é em nada diferente. Ele também entra em aula detendo uma verdade dificilmente aceita: “Professor, consagrei ontem duas horas a *não fazer* o seu dever. Não, não, não fui fazer outra coisa, eu me sentei na minha mesa de estudo, peguei meu caderno de texto, li o enunciado e me encontrei num estado de sideração matemática, uma paralisia mental da qual só saí quando ouvi minha mãe chamando para a mesa. O senhor vê, eu não fiz o seu dever, mas consagrei duas horas a ele. Depois do jantar, ficou tarde demais, uma nova sessão de catalepsia me esperava: meu exercício de inglês.” “Se você prestasse mais atenção à aula, entenderia os enunciados!” Atenção  
na aula  
pode objetar (com razão) o professor.

Para evitar essa humilhação pública, nosso externo vai preferir, ele também, uma apresentação diplomática dos fatos: “Eu estava ocupado, lendo os enunciados, quando o aquecedor explodiu.”

E assim vai, da manhã à tarde, de matéria em matéria, de professor para professor, dia a dia, num exponencial da mentira que acaba

chegando ao famoso "Foi minha mãe!... Ela morreu!" de François Truffaut.

Após esse dia passado mentindo para a instituição escolar, a primeira questão que nosso mau externo vai ouvir ao voltar para casa é invariável:

– Então, foi tudo bem, hoje?

– Muito bem.

Nova mentira.

Que lhe demanda ser entrecortada por um toque de verdade:

– Em história, a professora perguntou 1515, eu respondi Marginal, e ela ficou contente!

(Vamos, isso garante até amanhã.)

\* Mas amanhã chega logo e os dias se repetem, e nosso externo vai retomar suas idas e vindas entre a escola e a família, e toda a sua energia mental se gasta em tecer uma sutil rede de pseudocoerência entre as mentiras proferidas na escola e as meias verdades servidas à família, entre as explicações fornecidas a uns e as justificativas apresentadas aos outros, entre os retratos negativos de professores que ele faz para os pais e as alusões aos problemas familiares que ele sopra ao ouvido dos professores, um átomo de verdade entre uns e outros, sempre, porque essa gente vai acabar se encontrando, pais e professores, é inevitável, e é preciso pensar nesse encontro, aperfeiçoando sem cessar a ficção verdadeira que vai ser o cardápio dessa entrevista.

Essa atividade mental mobiliza uma energia desmedida com relação ao esforço do bom aluno para fazer um bom dever. Nosso mau externo fica exaurido. Ele queria (ele até quer, esporadicamente) que não tivesse mais nenhuma força para se pôr a estudar de verdade. A ficção em que ele se engajou o tem prisioneiro, *por fora*, em algum lugar entre a escola por combater e a família por garantir, numa terceira e angustiante dimensão em que o papel destinado à imaginação consiste em tapar as inúmeras brechas por onde pode surgir o real sob seus aspectos mais temidos: mentira descoberta, cólera de uns, desgosto de outros, acusações, sanções, expulsão talvez,

64 A energia gasta em tecer uma rede de mentiras e desculpalar é enorme que a gasta por um aluno bom que faz um bom dever.

volta para dentro de si mesmo, culpabilidade impotente, humilhação, deleite moroso: Eles têm razão, eu sou inútil, inútil, inútil.

Eu sou um inútil.

Ora, na sociedade em que vivemos, um adolescente instalado na convicção da sua inutilidade – aí está ao menos uma coisa que a experiência vivida nos terá ensinado – é uma presa.

\* **A**s razões que levam os professores e os pais a passar por cima dessas mentiras, ou até a ser cúmplices delas, são demasiado numerosas para ser discutidas. Quantas mentirinhas cotidianas, em quatro ou cinco turmas de trinta e cinco alunos? pode legitimamente se indagar um professor. Onde encontrar o tempo necessário para essas pesquisas? Sou por acaso um pesquisador? Devo substituir a família, no plano de educação moral? Em caso afirmativo, com que limites? E assim vai, uma ladainha de interrogações de que cada uma faz, um dia ou outro, o objeto de uma discussão apaixonada entre colegas.

QUE FAZ  
O PAI?  
POR QUE  
CASO?

Mas existe outra razão para que o professor ignore essas mentiras, uma razão mais profunda que, se emergisse a uma consciência clara, daria mais ou menos isto: Esse menino é a encarnação do meu próprio fracasso profissional. Eu não consigo fazê-lo progredir, nem fazê-lo trabalhar, quando muito fazê-lo vir à aula, e me asseguro somente de sua presença física.

Por felicidade, apenas entrevisto, este questionamento pessoal é combatido por certa quantidade de argumentos válidos. Eu falhei com esse aqui, mas consegui com muitos outros. De qualquer modo, não é minha culpa se esse menino está agora na oitava série. O que foi que os meus predecessores ensinaram a ele? O meu colega é o único a ser questionado? O que pensam os pais? Pode-se imaginar que com meu salário e minha carga horária eu possa recuperar tal atraso?

São tantas as questões que remetem ao passado do aluno, sua família, os colegas, a instituição em si, que nos permitimos redigir com toda a consciência a anotação mais comum dos boletins escolares: Falta de base (que encontrei até num boletim de curso preparatório!). Dito de outro modo: batata quente!

66 A DESULPA DO PROFESSOR NOS BOLETINS  
"FALTA DE BASE" É UMA BATATA QUENTE!

Quente essa batata é, sobretudo, para os pais. Eles não param de fazê-la saltar de mão em mão. As mentiras cotidianas do garoto os cansam: mentiras por omissão, fabulações, explicações exageradamente detalhadas, justificativas antecipadas: "Na verdade, o que aconteceu..."

Cansados de guerra, muitos pais fingem aceitar essas fábulas debilitantes, primeiro para acalmar momentaneamente suas próprias angústias (o átomo de verdade – Marignan 1515 – fazendo o papel de comprimido de aspirina), para preservar a atmosfera familiar, em seguida para que o jantar não se transforme num drama, esta noite não, por favor, esta noite não, para retardar a prova das confissões que rasga o coração de cada um, enfim, para retardar o momento em que se vai medir sem surpresa a extensão da catástrofe escolar ao receber-se o boletim trimestral, mais ou menos habilmente maquiado pelo principal interessado, que controla, no olho, a entrada da correspondência da família.

Amanhã veremos,  
amanhã veremos...



Uma das mais memoráveis histórias de cumplicidade adulta com uma mentira de criança é a desventura acontecida ao irmão de meu amigo B. Ele devia ter doze ou treze anos, na época. Como ele temia o exame de matemática, pediu ao seu melhor amigo que lhe mostrasse o lugar exato do apêndice. Com isso, ele desaba, simulando uma crise terrível. A direção faz de conta que acredita e o manda de volta para casa, quanto mais não fosse para se desembaraçar. De lá, os pais – para quem ele já tinha aprontado outras – o levam sem grande ilusão até uma clínica vizinha, onde, surpresa, ele é operado no ato! Depois da operação, o cirurgião aparece, trazendo um recipiente onde flutua um longo troço sanguinolento, e declara, o rosto iluminado de inocência: “Fiz muito bem em operar, ele estava a dois dedos da peritonite!”

Porque as sociedades se constroem também sobre a mentira bem partilhada.

Esta outra história é mais recente: N., diretora de um liceu parisiense, vigia as faltas repetidas. Ela faz, ela mesma, a chamada nas suas turmas de terceira série do segundo grau, a terminal. Controla particularmente um reincidente que ela ameaça de expulsão na próxima ausência injustificada. Naquela manhã, o garoto estava ausente, é a gota d'água. N. telefona imediatamente para a família, da secretaria. A mãe pede desculpa e afirma que o filho estava mesmo doente, de cama, ardendo em febre, e garante que ela estava para avisar o liceu. N. desliga, satisfeita. Está tudo em ordem. Dali a pouco, voltando para o seu gabinete, ela passa pelo garoto. Ele estava simplesmente no banheiro, durante a chamada.

Limitando as idas e vindas entre a escola e a família, a situação do interno apresenta, com relação à do externo, a vantagem de instalar nosso aluno em duas temporalidades: a escola de segunda à sexta à tarde, a família nos fins de semana. Um grupo de interlocutores durante cinco dias de trabalho, outro durante dois dias feriadados (que podem ter a chance de se tornar dois dias festivos). A realidade escolar de um lado, a realidade familiar do outro. Adormecer sem ter de tranquilizar os pais com a mentira do dia, acordar sem ter de elaborar desculpas pelo trabalho de casa não feito, porque ele foi feito na hora de estudo da noite, no melhor dos casos com a ajuda de um bedel ou de um professor. Repouso mental, em suma; uma energia recuperada que tem alguma chance de ser investida no trabalho escolar. E isto é suficiente para elevar o lerdo a primeiro da turma? Pelo menos dá a ele a ocasião de viver o presente como tal. Ora, é na consciência do seu presente que o indivíduo se constrói, e não fugindo dele.

Aqui termina o meu elogio ao internato.

Ah, sim, há mais, como história para aterrorizar todo o mundo, eu acrescentaria, por ter ali ensinado eu mesmo, que os melhores internatos são aqueles em que os professores, eles também, são pensionistas. Disponíveis a qualquer hora, em caso de S.O.S.

Note-se que, durante esses últimos vinte anos em que o pensionato teve tão má reputação, três dos maiores sucessos do cinema e da literatura populares na juventude foram *A Sociedade dos Poetas Mortos*, *Harry Potter* e *A voz do coração*, os três tendo como cenário um internato. Aliás, três internatos bastante arcaicos: uniformes, rituais e castigos corporais do lado dos anglo-saxônicos, blusas cinzentas, prédios sinistros, professores poeirentos e bofetadas em *A voz do coração*.

Seria interessante analisar o sucesso que fez, entre os jovens espectadores de 1989, *A Sociedade dos Poetas Mortos*, quase unanimemente malvisto pela nossa crítica e nas nossas salas de professores: demagogia, simplismo, sentimentalismo, pobreza cinematográfica e intelectual, tantos argumentos que não é possível razoavelmente contestar... Resta que hordas de estudantes de liceu se precipitaram para ele e saíram radiosos. Supor que eles se encantaram só pelos defeitos do filme é formar uma péssima opinião de uma geração inteira. Os anacronismos do professor Keating, por exemplo, não escaparam aos meus alunos, nem sua má-fé.

– Ele não é lá muito honesto, professor, com o *Carpe diem*, ele, Keating, ele fala como se nós estivéssemos sempre no século XVI; ora, no século XVI a gente morria muito mais moço do que hoje!

– E também é nojento o começo, quando ele faz rasgar o livro escolar, um cara que se dizia tão aberto... E por que não fazer queimar os livros de que não gostava, assim? Eu, eu teria recusado.

Fora isso, meus alunos tinham “adorado” o filme. Todos e todas tinham se identificado com aqueles jovens americanos do fim dos anos 1950 que, social e culturalmente, estavam quase tão próximos deles como os marcianos. Todos e todas eram loucos pelo ator Robin

Williams (de quem os adultos diziam que era um exagero só). O seu professor Keating encarnava aos olhos deles o calor humano e o amor pelo ofício: paixão pela matéria ensinada, devoção absoluta aos seus alunos, tudo servido por um dinamismo infatigável de treinador. A vida sem contato exterior do internato aumentava a intensidade das aulas, lhes conferia um clima de intensidade dramática que elevava nossos jovens espectadores à dignidade de estudantes, totalmente. Aos seus olhos, as aulas de Keating eram um ritual de passagem que só dizia respeito a eles e a eles somente. Aquele não era um assunto da família. Menos ainda dos professores. O que um de meus alunos exprimiu sem rodeios:

– Está bem, os professores não gostam. Mas é o nosso filme, não o de vocês.

Exatamente o que devia ter pensado a maior parte dos professores em questão, vinte anos antes, quando eles mesmos eram estudantes de liceu e o filme *Se* ganhou a Palma de Ouro do Festival de Cannes em 1969. Outra história de pensionato, em que os mais brilhantes alunos de um colégio hiperbritânico tomavam de assalto sua escola e, pendurados nos telhados, atiravam com metralhadoras e morteiros contra os pais, o bispo e os professores reunidos para uma entrega de prêmios. Espectadores adultos devidamente escandalizados, estudantes exultando, é evidente: É o nosso filme, não o deles!

Aparentemente, os tempos tinham mudado.

Eu me disse então que um estudo comparado de todos os filmes concernentes à escola teria muito para dizer sobre as sociedades que os viram nascer. Do *Comportamento zero*, de Jean Vigo, a esse famoso *Sociedade dos Poetas Mortos*, passando por *Les disparus de Saint-Agil*, de Christian Jaque (1939), *Juventude delinqüente*, de Dréville (1944, o ancestral de *A voz do coração*), *Sementes da violência*, de Richard Brooks (EUA, 1955), *Os incompreendidos*, de François Truffaut (1959), *Primeiro professor*, de Mikhalkov-Kontchalovski (URSS, 1965), *A primeira noite de tranqüilidade*, de Zurlini (1972), a que se pode acrescentar, depois de 1990, *Le porteur de serviette*, de Daniele Luchetti (1991), *O quadro-negro*, da iraniana Samira Makhmalbaf (2000), *A esquivada*, de Abdellatif Kechiche (2002), e mais algumas dezenas.

Meu projeto de estudo comparado não foi além do estágio da intenção; faça-o quem quiser, se ainda não foi feito. Eis, em todo caso, um belo pretexto de retrospectiva. Tendo sido a maior parte desses filmes um enorme sucesso de público, poderíamos tirar um bom número de ensinamentos interessantes. Entre outros, este: que, desde Rabelais, cada geração de Gargantua sente um horror juvenil dos Holofernes e uma grande necessidade de Ponocrates, ou seja, em outros termos, a vontade sempre renovada de se manifestar em oposição aos ares do tempo, ao espírito do lugar, e o desejo de desabrochar à sombra – ou melhor, à luz – de um mestre julgado exemplar.

Mas voltemos à questão do vir a ser. Fevereiro 1959, setembro 1969. Dez anos, então, tinham se passado entre a carta calamitosa que eu tinha escrito à minha mãe e a outra, que meu pai enviou ao filho *professor*.

Os dez anos em que eu vim a ser.

O que foi a metamorfose do lerdo em professor?

E, acessoriamente, a do analfabeto em romancista?

Como foi que eu vim a ser?

A tentação de não responder é grande. Argumentando, por exemplo, que a maturação não se deixa descrever, nem a dos indivíduos nem a das laranjas. Em que momento o adolescente mais insubmisso aterrissa no terreno da realidade social? Quando é que ele decide, por pouco que seja, entrar nesse jogo? É somente uma questão de ordem de decisão? Que parte têm nisso a evolução orgânica, a química celular, as malhas da rede de neurônios? São tantas as questões que é mais conveniente evitar o assunto.

– Se o que você escreve sobre a sua lerdeza é verdade, pode-se objetar que esta metamorfose é um autêntico mistério!

É para não acreditar, de fato. Esta é, por sinal, a sina do lerdo: não se fazer acreditar. Durante a sua lerdeza, ele é acusado de disfarçar uma preguiça viciosa em cômodas lamentações: “Pare de contar histórias e estude!” E, quando sua situação social atesta que ele deu certo, ele é suspeito de contar vantagem: Você, um antigo lerdo? Sem essa, você está me gastando? O fato é que aquelas antigas orelhas de burro são bastante usadas, como uma recorrência. Chega a ser uma decoração que se outorga com frequência, em sociedade. Ela distingue você daqueles cujo único mérito foi ter seguido os caminhos balizados do saber. O *gotha* pulula de antigos lerdos,

heróicos. Nós ouvimos esses espertos, nos salões, nas entrevistas, apresentar seus dissabores escolares como altos feitos de resistência. Não acredito nessas palavras, a menos que eu perceba nelas o fundo de som de uma dor. Porque, se nos curamos da lerdeza, não se cicatrizam jamais as feridas que ela nos infligiu. Uma infância assim não era engraçada, e lembrá-la também não é. Impossível contar vantagem. É como se um antigo asmático se vangloriasse de ter mil vezes sentido que ia morrer de sufocação! Do mesmo modo, o lerdo que dá certo não deseja que o lamentem, quer esquecer, é tudo, não pensar mais nessa vergonha. Além do mais, ele sabe, no fundo de si mesmo, que poderia muito bem não ter saído daquela situação. Afinal, os lerdos perdidos na vida são os mais numerosos. Eu sempre tive o sentimento de ser um sobrevivente.

Enfim, o que foi que aconteceu em mim durante esses dez anos?

Como foi que eu me saí?

Uma constatação prévia: adultos e crianças, é sabido, não têm a mesma percepção do tempo. Dez anos não são nada aos olhos de um adulto que calcula em décadas a duração de sua existência. Passam tão depressa dez anos quando se tem cinquenta anos! Sensação de rapidez que, aliás, aguça a preocupação das mães com o futuro de seus filhos. O *bac* daqui a cinco anos, mas é daqui a pouco! Como o menino pode mudar tão radicalmente em tão pouco tempo? Ora, para o menino, cada um desses anos vale por um milênio; aos seus olhos, o futuro cabe inteiro nos próximos dias. Falar com ele de futuro é como pedir que meça o infinito com um decímetro. Se a expressão "vir a ser" o paralisa, é, sobretudo, porque ela exprime a preocupação ou a reprovação dos adultos. O futuro sou eu na pior, era isso, grosseiramente, o que eu traduzia quando meus professores me afirmavam que eu não viria a ser nada. Ao ouvi-los, eu não fazia nenhuma representação do tempo, simplesmente acreditava neles: cretino para sempre, para sempre, "sempre" e "nunca" eram as únicas unidades de medida que o orgulho ferido propõe ao lerdo para sondar o tempo.

O tempo... Eu não sabia que me seria necessário envelhecer para ter uma percepção logarítmica de sua fugacidade. (Além do mais,

eu era totalmente ignorante dos logaritmos, de suas tábuas, funções, escalas, e de suas charmosas curvas...) Mas, vindo a ser professor, eu soube por instinto que era inútil brandir o futuro sob o nariz dos meus piores alunos. A cada dia basta a sua pena. E a cada hora, durante este dia, basta que nós estejamos aqui, plenamente presentes, juntos.

Ora, quando criança, eu não estava lá. Bastava eu entrar numa sala de aula para logo sair dali. Como um daqueles raios caídos dos discos voadores, parecia-me que o olhar vertical do mestre me arrancaria da minha carteira e me enviaria instantaneamente para outro lugar. Para onde? Para dentro da cabeça dele, precisamente! A cabeça do mestre! Era o laboratório do disco voador. O raio me depositava ali. Ali era medida minha total nulidade e depois eu era cuspidor, por outro olhar, como um detrito, e rolava num tanque de tratamento de esgoto onde eu não conseguia entender o que me ensinavam nem o que a escola esperava de mim, porque eu tinha reputação de incapaz. Esse veredicto me oferecia as compensações da preguiça: de que adianta a gente se matar nas tarefas, se as mais altas autoridades consideram que o caso já está perdido? Como se vê, eu desenvolvia certa aptidão para a casuística. É um pensamento circular que eu, como professor, captava rapidamente nos meus lerdos.

Então veio o meu primeiro salvador,

Um professor de francês.

Na nona série.

Que me sinalizou para aquilo que eu era: um fabulador sincero e alegremente suicida.

Espantado, sem dúvida, com a minha aptidão para dar brilho às desculpas sempre mais inventivas por todas as minhas lições não aprendidas ou meus deveres não feitos, ele decidiu me dispensar das dissertações para me encomendar um romance. Um romance que eu devia escrever durante o trimestre, um capítulo por semana. Assunto livre, mas favor fazer as entregas sem erro de ortografia, "história de elevar o nível da crítica". (Lembro-me dessa fórmula, porém esqueci tudo do romance mesmo.) Esse professor era um homem muito idoso que nos dedicava os últimos anos de sua vida.

Ele devia “arredondar” a sua pensão de aposentado nessa empresa mais que particular, no subúrbio do Norte parisiense. Um velho senhor, de uma distinção fora de uso, que havia então apontado para o *narrador*. Ficou dito que, *disortográfico* ou não, eu teria de atacar esse recitativo, se quisesse ter uma chance de me abrir para o trabalho escolar. Escrevi esse romance com entusiasmo. Eu corrigia escrupulosamente cada palavra com a ajuda do dicionário (que até hoje não me deixa) e entregava meus capítulos com a pontualidade de um folhetinista profissional. Imagino que devia ser uma narrativa muito triste, muito influenciado que eu estava por Thomas Hardy, cujos romances vão do mal-entendido à catástrofe, e da catástrofe à tragédia irreparável, o que alegrava meu gosto pela fatalidade: nada a fazer, desde o começo, essa é mesmo minha opinião.

Não creio que tenha feito nenhum progresso no que quer que fosse naquele ano, mas, pela primeira vez na minha escolaridade, um professor me dava uma posição; eu existia, escolarmente falando, aos olhos de alguém, como um indivíduo que tinha uma linha a seguir e que garantia a situação no tempo. Reconhecimento sem fim pelo meu benfeitor, evidentemente, e, ainda que estivesse tão distante, o velho professor se tornou o confidente de minhas leituras secretas.

– Então, Pennacchioni, o que está lendo neste momento?

Porque havia a leitura.

Eu não sabia, então, que ela me salvaria.

Naquela época, ler não era a absurda proeza de hoje. Considerada como perda de tempo, reputada como empecilho para o trabalho escolar, a leitura de romances nos era proibida durante as horas de estudo. Daí minha vocação para leitor clandestino: romances encapados como livros escolares, escondidos em todos os lugares possíveis, leituras noturnas com lanternas de bolso, dispensas de ginástica, valia tudo para eu ficar sozinho com um livro. Foi o pensionato que meu deus esse gosto. Fazia-me falta um mundo meu, e este foi o dos livros. Na minha família eu tinha, sobretudo, visto os outros ler: meu pai, fumando cachimbo na sua poltrona, sob o cone de luz do abajur, passando distraidamente o dedo anular na risca impecável de seus cabelos, um livro aberto sobre as pernas cruzadas; Bernard,

no nosso quarto, deitado de lado, joelhos dobrados, a mão direita sustentando a cabeça... Havia bem-estar nessas atitudes. No fundo, foi a fisiologia do leitor que me empurrou a ler. Talvez eu só tenha lido, no começo, para reproduzir essas posturas e explorar outras. Lendo, eu fui fisicamente instalado numa felicidade que dura sempre. O que eu lia? Os contos de Andersen, por causa da identificação com *O patinho feio*, mas também Alexandre Dumas pelo movimento das espadas, dos cavalos e dos corações. E Selma Lagerlöf, o magnífico *Gösta Berling*, esse pastor bêbado e esplêndido, banido pelo seu bispo, e de quem fui o infatigável companheiro de aventura com os outros cavaleiros de Ekeby; *Guerra e paz*, oferecido por Bernard pela minha passagem para o nono ano, penso, a história de amor entre Natacha e o príncipe André na primeira leitura – que reduzia o romance a umas cem páginas –, a epopéia napoleônica no fim do primeiro grau, numa segunda leitura: Austerlitz, Borodino, o incêndio de Moscou, a retirada da Rússia (eu tinha desenhado um afresco imenso da batalha de Austerlitz em que se massacravam os bonequinhos de minha escrita clandestina), duzentas ou trezentas páginas do melhor. Nova leitura na primeira série do colegial, pela amizade de Pierre Bezoukhov (outro patinho feio, mas que entendia mais coisas do que se pensava), e a totalidade do romance, enfim, na terceira série, terminal, pela Rússia, pelo personagem de Koutouzov, por Clausewitz, pela reforma agrária, por Tolstoi. Havia Dickens, evidentemente – *Oliver Twist* precisava de mim –, Emily Brontë, em que o moral era uma chamada de socorro para mim, Stevenson, Jack London, Oscar Wilde e as primeiras leituras de Dostoievski, *O jogador*, é claro (com Dostoievski, sabe-se lá por quê, sempre se começa com *O jogador*). E assim iam minhas leituras, ao sabor do que eu encontrava na biblioteca familiar, e *Tintim*, sem dúvida, e *Spirou*, e os *Signes de piste* ou os *Bob Morane*, que faziam o maior sucesso na época. A primeira qualidade dos romances que eu trazia do colégio era não estarem no programa. Ninguém me interrogava. Nenhum olhar lia aquelas linhas por cima do meu ombro; meus autores e eu ficávamos entre nós. Eu ignorava que, lendo-os, eu me cultivava, que aqueles livros abriam em mim um apetite que

sobreviveria mesmo quando eles fossem esquecidos. Essas leituras de juventude se concluíram por quatro portas abertas para os signos do mundo, quatro livros que não poderiam ser mais diferentes uns dos outros, mas que teceram em mim, por razões que me são ainda em parte misteriosas, ligações estreitas de parentesco: *As ligações perigosas*, *As avessas*, *Mitologias* de Roland Barthes e *As coisas* de Perec.

Eu não era um leitor refinado. A despeito de Flaubert, eu lia como Emma Bovary aos quinze anos, para a única satisfação de minhas sensações, as quais, por sorte, se revelaram insaciáveis. Não tirei nenhuma vantagem escolar imediata dessas leituras. Contra todas as idéias conhecidas, aqueles milhares de páginas engolidas – e bem depressa esquecidas – não melhoraram minha ortografia, sempre incerta ainda hoje, donde a onipresença dos meus dicionários. Não, o que provisoriamente melhorou meus erros (mas esse provisório tornava a coisa definitivamente possível) foi aquele romance encomendado por aquele professor que se recusava a reduzir sua leitura a considerações ortográficas. Eu *devia* a ele um manuscrito sem erro. Um gênio do ensino, em suma. Para mim só, talvez, e talvez só nessa única circunstância, mas um gênio!

Encontrei três outros desses gênios entre o meu último ano de primeiro grau e meu segundo ano terminal de liceu, três outros salvadores de quem falarei mais adiante: um professor de matemática que *era* a matemática, um espantoso professor de história que praticava como ninguém a arte da encarnação histórica e um professor de filosofia que minha admiração surpreende ainda mais hoje porque ele não guarda nenhuma lembrança de mim (ele me escreveu), o que o engrandece ainda mais aos meus olhos porque ele me despertou o espírito sem que eu nada fique devendo à sua estima, mas à sua arte. Esses quatro mestres me salvaram de mim mesmo. Chegaram tarde demais? Eu os teria acompanhado tão bem, se eles tivessem sido meus professores primários? Eu guardaria uma lembrança melhor da minha infância? Em todo o caso, eles foram meus felizes imprevistos. Teriam sido, para outros alunos, a revelação que foram para mim? É uma pergunta por fazer, tanto a noção de temperamento representa seu papel em matéria de pedagogia. Quando me acontece

encontrar um antigo aluno que se declara feliz com as horas passadas na minha classe, eu me digo que, no mesmo instante, em outra calçada, passeia talvez aquele para quem eu era o chato de serviço.

Outro elemento de minha metamorfose foi a irrupção do amor na minha pretendida indignidade. O amor! Perfeitamente inimaginável para o adolescente que eu acreditava ser. A estatística, entretanto, dizia que seu surgimento era provável, até mesmo certo. (Mas não, fale sério, inspirar amor, eu? E a quem?) Ele se apresentou pela primeira vez sob a forma de um comovente encontro de férias, se exprimiu essencialmente numa copiosa correspondência e terminou por uma ruptura consentida em nome da nossa juventude e da distância geográfica que nos separava. No verão seguinte, com o coração partido pelo fim dessa paixão semiplatônica, me engajei como grumete num cargueiro, um dos últimos *liberty ships*\* em serviço no Atlântico, e joguei no mar um pacote de cartas de fazer os tubarões dar risada. Foi preciso esperar dois anos para que um novo amor se tornasse o primeiro, pela importância que, nesse domínio, os atos conferem à palavra. Outro gênero de encarnação, que revolucionou minha vida e assinou a sentença de morte de minha lerdeza. Uma mulher me amava! Pela primeira vez na minha vida, meu nome ressoava em meus próprios ouvidos! Uma mulher me chamava pelo meu nome! Eu existia aos olhos de uma mulher, no seu coração, entre suas mãos, e já na sua lembrança, seu primeiro olhar do dia seguinte me dizia! Escolhido entre todos os outros! Eu! Preferido! Eu! Por ela! (Uma aluna de classe preparatória para a Escola Normal Superior, mais não era possível, enquanto eu ia repetir meu último ano de liceu!) Minhas últimas barragens saltaram: todos os livros de leituras noturnas, as milhares de páginas em sua maior parte apagadas da memória, aqueles conhecimentos estocados apesar de todos e de mim mesmo, escondidos sob tantas camadas de esquecimento, de renúncia e de autodenegrimto, esse magma de palavras ferendo de idéias, de sentimentos, de saberes de todos os gêneros fez

\* Cargueiros construídos em grande escala pelos EUA durante a Segunda Guerra Mundial. Alguns foram doados à França. (N. da T.)

explodir de repente a crosta de infâmia e jorrou na minha cabeça, que tomou ares de firmamento infinitamente estrelado! Em suma, eu planava, como dizem os felizes de hoje. Eu amava e era amado. Como tanto ardor impaciente podia suscitar tanta calma e tanta certeza? Que confiança os outros tinham em mim, de repente! E que confiança eu tinha em mim, eu mesmo! Durante aqueles anos em que durou essa felicidade, nem pensar em me fazer de imbecil. Correr atrás, sim. Depois do *bac*, eliminei, em menos tempo do que se leva para dizer, uma licenciatura e um mestrado em letras, a escrita do meu primeiro romance, cadernos inteiros de aforismos que eu chamava sem rir de meus *Lacônicos*, e a produção de inúmeras dissertações, algumas das quais destinadas a colegas de minha amiga que solicitavam minhas luzes sobre um ou outro ponto de história, de literatura ou de filosofia. No entusiasmo, até me dei ao luxo de uma preparação para a Escola Normal Superior, que abandonei no meio do caminho pela redação daquele famoso primeiro romance. Deixar ir adiante minha própria pena, voar com minhas próprias asas, no meu próprio céu! Não queria nada mais do que isso. E que minha amiga continuasse a me amar.

Diante da brincadeira de meu pai sobre a revolução necessária para a minha licenciatura e sobre o risco de um conflito planetário se eu tentasse a agregação, dei risada e respondi que nada disso, nada de revolução, papai, o amor, pelamordedeus! O amor durante três anos! A revolução, nós a fizemos na cama, ela e eu! Quanto à agregação, nada disso, não gosto de jogos de azar! Nem Capes! Chega de tempo perdido. Um mestrado e basta: o mínimo vital do professor. Pequeno professor, papai. Nas pequenas empresas, se necessário. Retorno ao local do crime. Ocupar-me dos garotos que caíram no lixão de Djibuti. Ocupar-me deles com a clara lembrança daquele que eu fui. Além disso, a literatura! O romance! O ensino e o romance! Ler, escrever, ensinar!

Meu despertar deve muito também à tenacidade desse pai falsamente distante. Nunca desencorajado pelo meu próprio desencorajamento, ele soube resistir a todas as minhas tentações de fuga: aquela súplica veemente, por exemplo, aos quatorze anos, para que

ele me fizesse engajar numa tropa. Rimos muito, vinte anos depois, quando, livre de meu serviço, eu mostrei a ele a menção inscrita na minha caderneta militar: *Patentes sucessivas: segunda classe*.

– Sucessivamente segunda classe, então? É bem o que eu pensava: inapto para a obediência e nenhum gosto pelo comando.

Houve também Jean Rolin, velho amigo, professor de filosofia, pai de Nicolas, Jeanne e Jean-Paul, meus companheiros de adolescência. Cada vez que eu não passava no *bac*, ele me convidava a um excelente restaurante para me convencer, mais uma vez, de que cada um segue seu ritmo e de que eu estava fazendo simplesmente um retardo de eclosão. Jean, meu querido Jean, que estas páginas – tão atrasadas, na verdade – o façam sorrir no paraíso dos filósofos.

Enfim, nós viemos a ser, nós nos tornamos.  
Mas não mudamos tanto assim. Nós nos fazemos com aquilo que somos.

Eis que, no fim desta segunda parte, eu me entrego a uma crise de dúvida. Dúvida quanto à necessidade deste livro, dúvida quanto à minha capacidade para escrevê-lo, dúvida sobre mim mesmo, simplesmente, dúvida que se estenderá logo em considerações irônicas sobre o conjunto do meu trabalho, a saber, minha vida inteira... Dúvida prolífica... Essas crises são freqüentes. Elas são uma herança da minha lerdeza, não me habituo. A dúvida sempre vem pela primeira vez, e eu acabo ficando com a dúvida destruidora. Ela me empurra para uma rampa natural. Resisto, mas a cada dia vou me tornando o mau aluno que tento descrever. Os sintomas são rigorosamente iguais aos dos meus treze anos: devaneio, procrastinação, dispersão, hipocondria, nervosismo, deleite moroso, saltos de humor, lamúrias e, para terminar, sideração diante da tela do meu computador como antigamente diante do exercício por fazer, do questionário por preparar... Aqui estou, debocha o lerdo que eu fui.

Levanto os olhos. Meu olhar erra sobre o Vercors sul. Nenhuma casa no horizonte. Nenhuma estrada. Nenhum indivíduo. Campos pedregosos, cercados de montanhas rasas onde florescem aqui e ali buquês de faias como penachos silenciosos. Sobre todo esse vazio, enfarrusca-se imensamente um céu de ameaça. Deus, como eu gosto dessa paisagem! No fundo, uma de minhas grandes alegrias terá sido me oferecer este exílio que em criança eu pedia a meus pais... Este horizonte em que, deste lado daqui, ninguém tem de dar contas a ninguém. (Salvo esse pequeno coelho àquela ave de rapina, lá no alto,

que está de olho nele...) No deserto, o tentador não é o diabo, é o deserto mesmo: tentação natural de todos os abandonos.

Está bem, pare com isso,  
pare com essa palhaçada,  
vá trabalhar.



Retoma-se o trabalho. Linha após linha, o vir a ser continua com este livro que se faz.

Vem-se a ser.

Uns após outros, nós vimos a ser. Tudo se passa raramente como previsto, mas uma coisa é certa: nós vimos a ser. Nós nos tornamos.

Semana passada, quando estou saindo de um cinema, uma menininha de nove ou dez anos corre atrás de mim na rua e me alcança, toda ofegante:

– Senhor, senhor!

O que foi? Esqueci meu guarda-chuva na sala? Toda sorridente, a menina aponta para um cara que nos olha do outro lado da rua.

– É meu avô, senhor!

Vovô ensaia uma saudação, meio sem graça.

– Ele não tem coragem de vir aqui dizer bom-dia, mas o senhor foi professor dele.

– ...

Caramba, o avô dela! Eu fui professor do avô dela!

É isso aí, nós vimos a ser.

...

Você deixa uma menina na oitava série, burra, burra, burra, dito por ela mesma (“Como eu era burra!”), e, vinte anos depois, uma jovem chama, numa rua de Ajaccio, radiosa, sentada na calçada de um café:

– Professor, *Não toque o ombro do cavaleiro que passa!*

Você pára, se vira, a jovem sorri e recita a seqüência de *A aléia*, este poema de Supervielle que, aparentemente, vocês conhecem:

*Ele se voltaria  
E seria noite,  
Uma noite sem estrela,  
Sem curva e sem nuvem.*

Ela dá uma risada e indaga:

*– O que seria então  
de tudo aquilo que o céu faz,  
A lua e sua passagem  
E o som do sol?*

E você responde à criança ressurgida no sorriso da mulher, a criança insubmissa a quem você, no passado, havia ensinado este poema:

*– Ser-lhe-ia preciso esperar  
Que um segundo cavaleiro  
Tão poderoso quanto o outro  
Consentisse em passar.*

Em Paris, estou num café conversando com amigos. De uma mesa vizinha, um homem aponta para mim com o dedo e me olha fixamente. Levanto os olhos e pergunto, com um gesto da cabeça, o que é que ele quer de mim. Ele me chama então por um nome que não é o meu:

– Don Segundo Sombra!

Fazendo-o, ele me leva a dar um salto vertiginoso no tempo.

– Você, eu tive você em 1982! Na sétima!

– Isso mesmo, professor. E foi nesse ano que o senhor nos leu *Don Segundo Sombra*, um romance argentino, de Ricardo Güiraldes.

Não me lembro nunca dos nomes desses alunos de reencontros, nem mesmo de seus rostos, mas, com os primeiros versos, os primeiros títulos de romances evocados, das primeiras alusões a certo curso, alguma coisa se recompõe do adolescente que não queria ler, ou da

menina que achava que não entendia nada; eles me voltam, tão familiares quanto os versos de Supervielle ou o nome de Segundo Sombra, que, vá-se saber por quê, não sofreram a erosão do tempo. Eles são ao mesmo tempo aquela garota medrosa e essa jovem que faz hoje a moda da sua geração, aquele menino fechado e esse comandante de bordo que lê por cima dos oceanos, piloto automático ligado.

A cada encontro, constata-se que uma vida floresceu, tão imprevisível quanto a forma de uma nuvem.

E não vá você imaginar que esses destinos devem tanto assim à sua influência de professor! Olho a hora num relógio de bolso que Minne, minha mulher, me deu num antigo aniversário qualquer e que não me deixa nunca. Esse tipo de relógio de encaixe duplo é chamado de sabonete. Então, eu consulto meu sabonete e escorrego quinze anos para trás, liceu H, sala F, onde fiquei ocupado em tomar conta de uns sessenta, no segundo e terceiro ano do ensino médio, as classes terminais, quando eles se debruçavam num silêncio de futuro. Todos cobriam o papel com tinta, dando o melhor que podiam, menos Emmanuel, à minha direita, perto da janela, a três ou quatro fileiras do meu estrado. Nariz ao vento, papel em branco, Emmanuel. Nossos olhares se cruzam. O meu se faz explícito: Então, o que é? Prova em branco? Você vai escrever, o.k.? Emmanuel me faz um sinal. Tive-o como aluno dois anos antes. Esperto, vivo, malandro, inventivo, engraçado e determinado. E, por enquanto, papel em branco. Consinto em me aproximar, história de dar uma sacudida, mas ele corta curto meu golpe de repreensão, soltando num suspiro definitivo:

- Se o senhor soubesse como isso me chateia, professor!
- E pode-se saber o que é que lhe interessa?
- Isto.

Ele responde, devolvendo o meu sabonete, que tinha roubado sem que eu percebesse.

- E isto - disse devolvendo-me a caneta.
- Batedor de carteira? Você quer se tornar batedor de carteira?
- Prestidigitador, professor.

O que ele veio a ser é isso, e o que é ainda, e famoso, sem que eu nada tenha feito.

Sim, às vezes acontece que alguns projetos se realizem, que vocações tomem forma, que o futuro honre o encontro marcado. Um amigo me garante que uma surpresa me espera num restaurante aonde me convida. Eu vou. A surpresa é de peso. É Remi, o *maitre* do lugar. Impressionante, do alto do seu metro e oitenta e sua roupa de *chef*! Não o reconheço imediatamente, mas ele me refresca a memória, depositando diante de meus olhos uma redação dele, corrigida por mim há vinte e cinco anos. 13/20. Assunto: *Faça o seu retrato aos quarenta anos*. Ora, o homem de quarenta anos que está na minha frente, sorridente e vagamente intimidado pelo aparecimento de seu velho professor, é exatamente aquele que o jovem aluno descreveu no seu exercício: o *chef* de um restaurante no qual ele comparava a cozinha à sala de máquinas de um transatlântico de alto-mar. O corretor tinha apreciado, em vermelho, e tinha emitido o desejo de se sentar, um dia, à mesa desse restaurante...

É em situações como essa que você não lamenta o ter-se tornado esse professor que, depois, você não foi mais.

Nós vimos a ser, nós nos tornamos, tanto quanto nós somos, e nos cruzamos às vezes com os que vieram a ser. Isabelle, semana passada, reencontrada num teatro, espantosamente parecida com a garota de dezesseis anos que foi minha aluna no primeiro ano do ensino médio... Ela havia encajado na minha classe depois de sua segunda repetição de ano. ("Minha segunda repetição em três anos, enfim!") Fonoaudióloga no presente, um sorriso discreto.

Como os outros, ela pergunta:

- O senhor se lembra de fulana? E de sicrano? E daquele outro?

Pena, ó meus alunos, minha arruinada memória se recusa sempre ao arquivamento dos nomes próprios. As maiúsculas deles continuam a fazer barragem. Bastavam-me as grandes férias para eu esquecer a maior parte dos seus nomes, então, pensem em todos esses anos! Uma espécie de lavagem permanente circula no meu cérebro e elimina, com os seus, os nomes de autores que li, os títulos de seus livros ou os dos filmes que vejo, as cidades que atravesso, os itinerários que

sigo, os vinhos que bebo... O que não significa que vocês tenham caído no meu esquecimento! Que me seja dado rever vocês durante cinco minutos, e o rosto confiante de Remi, a grande risada de Nadia, a malícia de Emmanuel, a gentileza pensativa de Christian, a vivacidade de Axelle, o inoxidável bom humor de Arthur ressuscitam o aluno nesse homem ou nessa mulher que me fazem, passando por mim, o prazer de me reconhecer como seu professor. Posso perfeitamente confessar a vocês hoje, a sua memória sempre foi mais veloz e mais confiável do que a minha, mesmo naqueles tempos em que estudávamos juntos aqueles textos semanais que nós devíamos ser capazes de nos recitar mutuamente em não importa que momento, durante o ano. Bom ano, mau ano, uns trinta textos de todos os gêneros, de que Isabelle declara, orgulhosamente:

- Não esqueci um só, professor!
- Imagino que você tivesse os seus preferidos...
- Sim, aquele, por exemplo, que o senhor nos disse que estaríamos maduros para entender dali uns sessenta anos...

*Meu avô tinha o costume de dizer: "A vida é espantosamente curta. Na minha lembrança, ela se recolhe tão apertada sobre si mesma que eu mal entendo (por exemplo) que um jovem possa se decidir a partir a cavalo para a aldeia mais próxima sem temer – afastado qualquer acidente – que uma existência normal e vivida sem contrariedades não seja suficiente, nem de longe, mesmo para esse passeio."*

Num gesto de quase reverência, Isabelle solta o nome do autor: Franz Kafka. E completa:

- Na tradução de Vialatte, aquela que o senhor prefere.

III

LÁ

ou o presente  
de encarnação

*Eu nunca vou chegar lá.*